

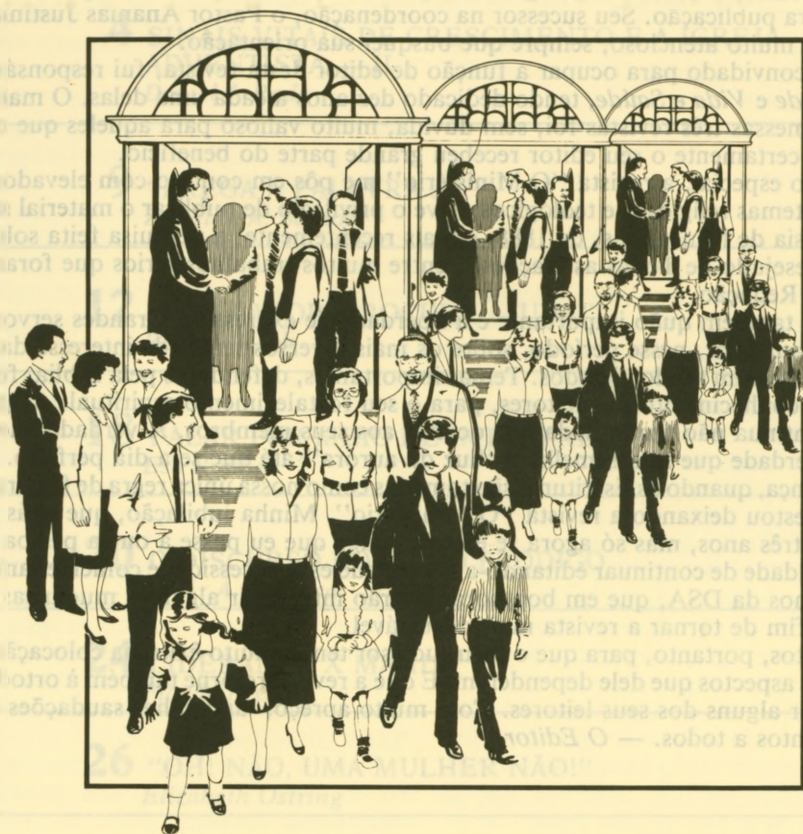
# O MINIS/ÉRIO

---

## ADVENTISTA

---

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



# SINAIS VITAIS DE CRESCIMENTO E A IGREJA ADVENTISTA — II

# Seis Anos de “Ministério”

Comecei em 1976. Durante dois anos ou mais, tive como coordenador o Pastor Daniel Belvedere, a quem desejo agradecer pela atenção e empenho em prover o material para publicação. Seu sucessor na coordenação, o Pastor Ananias Justiniano, foi também muito atencioso, sempre que busquei sua orientação.

Até ser convidado para ocupar a função de editor desta revista, fui responsável por *Mocidade e Vida e Saúde*, tendo dedicado dez anos a cada uma delas. O material empregado nessas três revistas foi, sem dúvida, muito valioso para aqueles que o leram, mas certamente o seu editor recebeu grande parte do benefício.

De modo especial, a revista “O Ministério” me pôs em contato com elevados e fascinantes temas religiosos e teológicos. Tive o privilégio de publicar o material sobre a controvérsia de Mineápolis, de 1888, e mais recentemente, a pesquisa feita sobre o livro “O Desejado de Todas as Nações”, entre muitos trabalhos sérios que foram entregues à Redação.

Apreendi também quão importante é a liberdade de expressão. Grandes servos de Deus puderam falar, nesse período, sobre os mais diversos temas de interesse da Igreja, sem estarem sendo vigiados. Temas importantes, defendidos pela Bíblia, foram trazidos ao conhecimento dos leitores, para o seu fortalecimento espiritual. A Igreja de Deus continua não tendo nada que ocultar aos seus membros. A verdade que ela prega é a verdade que se assemelha à “luz da aurora” até que seja dia perfeito. Há total segurança, quando as Escrituras são tomadas como nossa única regra de fé e crença.

Agora, estou deixando a revista “O Ministério”. Minha jubilação, que aliás já ocorreu há três anos, mas só agora se efetiva, exige que eu passe a outra pessoa a responsabilidade de continuar editando-a. Creio que essa necessidade coincide também com os planos da DSA, que em boa hora deverão introduzir algumas mudanças cabíveis, a fim de tornar a revista mais degustável.

Faço votos, portanto, para que o meu sucessor tenha muito êxito na colocação em prática, dos aspectos que dele dependerem. E que a revista retorne também à ortodoxia aspirada por alguns dos seus leitores. Com muito apreço, as minhas saudações e agradecimentos a todos. — *O Editor.*



# O MINISTÉRIO

## ADVENTISTA

Ano 63 - Número 4 - Jul/Ago. 1992 - Periódico Bimestral

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

### EDITORIAL

#### SEIS ANOS DE "MINISTÉRIO"

*Redator*

---

### ARTIGOS

#### 4 SINAIS VITAIS DE CRESCIMENTO E A IGREJA ADVENTISTA — II

*Daniel J. Rode*

---

#### 9 "PREGA A PALAVRA..."

*Zinaldo A. Santos*

---

#### 12 "POR FAVOR, PROCURE AJUDA!"

*Robert Peach*

---

#### 18 FALAR POR MEIO DE INTÉRPRETE

*Esa Rouhe*

---

#### 20 O DISCURSO DO FILHO PRÓDIGO

*Almir A. Fonseca*

---

#### 24 LIDERANÇA X MANDO

*Floyde Bresee*

---

#### 26 "OH! NÃO, UMA MULHER NÃO!"

*Elizabeth Ostring*

---

#### 30 A SENHORA WHITE E O MINISTÉRIO DE PEDRO

*Entrevista*

---

**Gerente Geral:** Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca;  
**Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Darlene Camargo; colaboradores Especiais: Amasias Justiniano,  
Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Jorge Burlandy, Jefé Carvalho, Adamôr Pimenta.

Todo artigo ou correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA  
deve ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 — Km 106 — 18270-000 — Tatuí, SP.

# Sinais Vitais de Crescimento e a Igreja Adventista — II

DANIEL J. RODE

*Faz doutorado em Pasadena, Califórnia*

Neste artigo, continuaremos falando da última parte do segundo sinal, passando depois a tratar de mais dois dos sinais vitais de crescimento.

**O** correto funcionamento dos pequenos grupos oferece a condição natural onde se pode encontrar algo para fazer de acordo com os dons. A tese doutoral do pastor adventista O. M. Bell, a respeito dos dons, termina com uma parte dedicada aos pequenos grupos. Ao lê-la, pensei que o autor havia ligado artificialmente dois temas que nada tinham em comum. Logo, porém, pude notar claramente que os dois pequenos grupos são o lugar normal onde os dois se desenvolvem. Dessa forma, quando as igrejas passam dos 100 membros, deve-se conferir o funcionamento dos grupos de trabalho e a integração dos novos membros. E, à medida que a igreja crescer, os grupos pequenos terão mais valor. Schaller diz que, quando uma igreja passa dos 200 membros, é indispensável um monitoramento da participação de todos os crentes, especialmente dos membros que se uniram à igreja nos últimos anos.

Lembro aqui o Dr. Kenny Vicente, quando era estudante de Medicina e ativo membro da Igreja Central de Montevideu. Como diretor missionário, pôs em funcionamento, entre outras coisas, um excelente sistema de monitoramento da participação de todos os crentes. Recordo-me ainda de seu pequeno arquivo com uma pequena ficha para cada membro de igreja

e um comentário resumido no verso, a respeito do que cada um estava fazendo para o Senhor. Aquele diretor confiava nos homens mais do que nos programas. O programa de Jesus foram os homens.

Muitas vezes, porém, temos confiado numa programação, mas esta nunca poderá ocupar o lugar do toque pessoal do Espírito Santo e do crente. Oosterwal já verificou isto em 1976, num estudo realizado com igrejas da União do Lago, Estados Unidos. Setenta por cento dos entrevistados disseram ter tido o seu primeiro contato com a igreja por meio de amigos, vizinhos, parentes ou o pastor; 13%, por publicações; 14%, por Rádio e TV. Por outro lado, 70% disseram ter decidido unir-se à igreja através da influência de amigos, parentes, vizinhos ou o pastor; e só 7% por publicações; e 7% por Rádio e TV. Sem dúvida alguma, como diz o pastor Oosterwal, “é o contato pessoal, o companheirismo em combinação com a apresentação da mensagem adventista, que ajuda as pessoas a crerem numa igreja completa”.

É claro que a igreja precisa desenvolver-se mais na questão dos dons espirituais como um todo. Sobre isto há diversos cursos e livros que podem ajudar. É interessante notar que Wagner, um modelo em crescimento de igreja, dedicou todo um livro a este segundo sinal vital: “Seus Dons Espirituais Podem Ajudar Sua Igreja a Crescer” (Regal, 1989), com mais de 100 mil exemplares vendidos. Minha experiência pessoal com a questão dos dons, trouxe-me muitas alegrias, e pude ver uma



integração maior dos membros nas atividades da igreja. Por exemplo, depois do curso sobre os dons, dado na Igreja Espanhola de São Fernando, Califórnia, os membros responderam com uma integração e dedicação maiores aos diversos trabalhos designados por ocasião das nomeações de 1991.

Convém salientar, a esta altura, que a instrução deve ter em vista que há “diversidade de dons... e diversidade de ministérios... e diversidade de operações” (I Cor. 12:4-6, Almeida Antiga). Por outro lado, devemos resistir à tentação de querer submeter todos a um mesmo modelo ou dar valor a alguns dons em prejuízo de outros, esquecendo-nos de que quem deu todos os dons foi o próprio Deus. Assim, deve-se criar instruções gerais que possam depois ser usadas em cursos específicos por cada grupo em particular, de acordo com os seus dons.

Um dos grupos será o dos irmãos que possuem o dom do evangelismo e que são fundamentais para a admissão de novos membros, mas nem por isso são mais importantes do que outros grupos. Estima-se que os irmãos que possuem o dom do evangelismo constituam cerca de 10% do total dos membros. Quando esse grupo é ativo, a igreja experimenta um grande aumento em batismos. A igreja, porém, precisa valorizar toda a diversidade de dons e ministérios, se quiser não só batizar, mas assimilar esses batismos e crescer harmoniosa e constantemente, diminuindo a apostasia.

Em resumo, o potencial de crescimento de uma igreja é demonstrado pela integração no evangelismo externo de 10% dos membros que têm o dom de evangelizar, juntamente com os novos irmãos dos últimos dois anos, na tarefa de testemunhar; e 90% dos membros, usando cada qual o seu dom nas diversas atividades que a igreja oferece, especialmente de um evangelismo interno.

O Pastor Juan Carlos Viera, quando presidente da União Austral, já sugeria o desenvolvimento de todos os dons. Em sua tese “Pautas de Crecimiento de la Iglesia Adventista del Séptimo Día em los Países de la Cuenca del Plata”, conclui apresentando três pontos básicos para o crescimento da União Austral. Um deles é “o ministério de todos os crentes”.

Creio que se a igreja pusesse em funcionamento apenas estes dois primeiros

sinais vitais, já poderia experimentar um substancial avançado em crescimento, tanto em qualidade como em quantidade.

### Terceiro sinal vital: uma igreja com múltiplas atividades

O terceiro sinal vital proposto por Wagner é: “Uma igreja grande o suficiente para fornecer a variedade de ocupações que atendam às necessidades e expectativas de seus membros”. Todos os sinais vitais se acham relacionados entre si. De modo especial, este está relacionado com o segundo, visto que as diferentes ocupações que a igreja forneça serão possíveis graças à diversidade de dons que a igreja tenha. Por outro lado, as diversas atividades serão uma das maneiras de usar, e descobrir e desenvolver o potencial dos dons que Deus concedeu a cada igreja.

*As ocupações devem satisfazer as necessidades.* Este aspecto está relacionado com o primeiro sinal vital. O pastor que percebe as necessidades sentidas por sua comunidade e por sua igreja e pensa em ocupações relacionadas com os dons de sua igreja, para suprir essas necessidades. Medford Jones verificou que, as igrejas que crescem, têm propriedades 43% maiores, mantêm múltiplas ocupações e estão fazendo planos 50% maiores para ocupações no ano seguinte, do que as igrejas que não crescem. Foi exatamente isto que verifiquei na atuação do pastor da Igreja Espanhola de São Fernando, Califórnia. Ele tem em torno de 40 atividades funcionando e, por outro lado, descobriu cerca de 20 necessidades a mais, com as possíveis ocupações que preencherão tais necessidades.

Monte Sahlin observou que a Associação Adventista da Grande Nova Iorque criou muitas atividades comunitárias e é uma das Associações de maior crescimento em membros na DNA. Isto não faz senão confirmar o segredo do crescimento de igreja, sugerido por Robert Schuller, segundo o qual “o segredo do crescimento da igreja está em descobrir uma necessidade e preenchê-la”. Segundo E. G. White, esta idéia está de acordo com o método de Cristo, e nos permitirá obter êxito em alcançar as pessoas.

Dudley e Cummings diziam que aproximar-se das pessoas visando-lhes as neces-

sidades, constitui o próprio cerne do método "Caring Church" (Igreja Zelosa), que está fazendo tanto sucesso. Esses autores apresentam três pesquisas para a igreja e uma para a comunidade, a fim de poderem focalizar as várias atividades e ocupações da igreja. Como apêndice, aparece na forma de exemplo o questionário para a comunidade. Os outros questionários podem ser encontrados no livro de Dudley e Cummings.

Esses questionários nos permitem conhecer as necessidades das pessoas e nos mostram também os recursos humanos com os seus pontos fortes e fracos, com os quais a igreja conta para preencher suas necessidades. Por outro lado, revelam também as necessidades da igreja a que estamos ganhando e por que estamos perdendo nossos membros. O mundo a que a igreja deve servir é cada vez mais multifário e exigente. A igreja que não quer estar distanciada da realidade, deve estar atenta a um certo número de fatos que lhe apontarão as necessidades experimentadas que, se não forem satisfeitas, influenciar-lhe-ão o crescimento. Este fato se agrava quando pensamos nas igrejas urbanas onde a variedade de necessidades se amplia.

Uma vez que a igreja deve tornar-se cada vez mais urbana, se deseja atingir as grandes massas humanas, temos aqui um aspecto muito importante a considerar. A igreja rural ou das pequenas cidades, que antes funcionava com poucas atividades, agora tem que atender um número muito maior de necessidades, se quiser manter e aumentar o seu ritmo de crescimento. A população urbana está crescendo assustadoramente no mundo e está deixando para trás a proporção de cristãos nessas cidades. Por exemplo, em 1900, 69% dos habitantes das cidades eram cristãos, mas em 1990 este percentual baixou para 46%, e deverá baixar para 38% em 2050.

A Igreja Adventista Norte-Americana embora tenha fundado muitas igrejas novas, não teve crescimento de relevo, porque não as fundou nos grandes centros urbanos onde a população mais cresce. Em outras palavras, conquanto seja certo que em geral a proporção de cristãos é cada vez maior em relação com a população, sua maior densidade não coincide com a maior densidade da população. Este é um aspecto digno de ser analisado com maior profundidade.

*O tamanho ideal das igrejas.* Peter Wagner não estabelece o número de membros.

Diz, porém, que a igreja ideal deve ser grande o suficiente para fornecer as atividades que satisfaçam as necessidades da comunidade e da igreja.

O Pastor Viera analisa o Projeto Pioneiro que a DSA realçou especialmente no período de 1982 a 1985 e que trouxe para essa Divisão mais de 1000 novas igrejas em apenas três anos, e um notável crescimento no



seu número de membros. Nesse projeto, a ampla cifra de 200 membros era motivo para pensar em dividi-los em duas igrejas.

Por outro lado, no estudo efetuado com 219 igrejas adventistas na DNA, observou-se que quanto mais nova e mais bela a igreja, mais elevada a sua porcentagem de batismos. Além do mais, em 1976 Oosterwal já dizia que "as igrejas de 200 a 350 membros têm potencial muito maior para crescer", e dava duas razões para isso. Em primeiro lugar, essas igrejas são suficientemente grandes e contam com os dons apropriados para fornecer todas as ocupações que satisfarão as necessidades da igreja. E em segundo, são suficientemente pequenas para manter a relação frente a frente, tão importante para uma comunhão e companheirismo real.

Autoridades contemporâneas em crescimento de igreja, mostram que muitas



igrejas de tamanho médio são mais eficientes do que uma superigreja. O ponto-chave está em que as necessidades da congregação são satisfeitas mais naturalmente por intermédio das atividades que ela proporciona. Concluimos, pois, que igreja que está em crescimento é aquela que descobre e satisfaz as necessidades das pessoas que lhe ficam ao redor.

#### Quarto sinal vital: celebração + congregação + célula = igreja

O quarto sinal vital é “o equilíbrio apropriado de uma dinâmica relação entre celebração, congregação e célula. Isto é, as igrejas que crescem, não só realizam grandes comemorações ou festas espirituais, momentos de adoração festivos, mas mantêm igualmente uma vida de comunhão, com muito companheirismo e, por sua vez, estão sendo atendidas pessoalmente numa relação frente a frente por meio dos pequenos grupos.

Monte Sahlin apresenta o exemplo da igreja de 300 membros de Gresham nos subúrbios de Portland, cuja frequência diminuía constantemente. Em 1987, um novo pastor pôs em andamento uma programação que combinava pequenos grupos com grandes comemorações sabáticas e o treinamento dos leigos. O resultado foi que em 18 meses a frequência havia dobrado.

1. *Celebração.* Durante anos ouvi o Pastor Rubén Pereyra falar sobre os cultos de adoração tipo “serviço fúnebre” e da grande necessidade de se mudar essa situação com serviços mais alegres, com testemunhos, muita música, agradecimentos em maior quantidade do que pedidos, realçando o lado positivo, alegre e festivo da vida. William Abraham, professor de teologia na Escola de Teologia Perkins, da Universidade Metodista do Sul, diz que a adoração como celebração é a única forma completa de evangelismo, pois renova toda a igreja e contagia os novatos. O outro tipo de evangelismo apenas como um dever para com o não convertido, muitas vezes se torna um fardo para a igreja e produz menos resultados perduráveis. Houvessem os nossos cultos em todo o mundo deixado de ser “serviços fúnebres” e passado a ser belas celebrações, cheias de alegria santa pelo que Cristo fez por

nós, com muita música festiva, teríamos mais de 30.000 centros definitivos e poderosos de evangelização no mundo. Não seria isto um impacto que sob o poder do Espírito Santo poderia apressar os acontecimentos finais e a Segunda Vinda de Cristo?

*Atenção às visitas.* Win Arn, presidente e fundador do Instituto Americano de Crescimento de Igreja, escreve sobre as várias proporções. Entre elas a proporção “3/10 visitas”. Explica que, normalmente, uma igreja deveria estar integrando 3 de cada 10 visitas que recebe. As igrejas que não crescem, geralmente integram apenas 1 de cada 10 visitas. Por outro lado, as igrejas que crescem, usando planos especiais, estão integrando 4 de cada 10 novos que assistem.

A adoração eficaz como celebração, deveria ter um bom plano de atenção às visitas, visto que estas constituem a parcela natural dos que depois se tornam membros. A Igreja Batista de Shiloh Hills, localizada a uns 40 quilômetros ao norte de Atlanta, Georgia, é um exemplo digno de imitação no que diz respeito à atenção às visitas. Seu plano denominado evangelismo da amizade, procura interessar-se pelas visitas sem incomodá-las, por meio de três cartas, duas ligações telefônicas e uma visita do pastor. Depois de seguirem este plano por quatro anos, elevaram a frequência de 300 para 1000. Um plano mais simples, de um cartão, uma ligação telefônica e uma visita a cada novo visitante traria grandes resultados.

2. *Congregação como companheirismo.* Wagner explica o que quer dizer com a palavra “congregação” ao apresentar o caso de duas igrejas influentes que realizavam grandes celebrações e tinham excelentes pastores. Uma delas, com a saída do pastor, decresceu e agora é apenas uma sombra do que foi. A outra, com a saída do pastor, continuou crescendo e se tornou ainda mais forte sob a direção do seu novo líder. Qual foi o segredo? A igreja que sobreviveu à mudança conseguiu combinar as grandes comemorações com a vida de congregação como círculo de amizade.

Win Arn, já citado, e especialista em proporções, fala-nos da proporção “1/7”. Significa isto que cada crente tem que encontrar 7 amigos dentro da igreja nos seus seis primeiros meses como cristão, ou retornará a seus velhos amigos e, possivelmente deixará a igreja. É esse companheirismo que mais atrairá as visitas das cele-

brações e produzirá nelas o desejo de serem membros dessa igreja. Por diversas vezes já se verificou que o relacionamento pessoal é o mais importante fator em levar pessoas a Cristo.

Num estudo entre 14.000 cristãos de várias denominações, Win Arn observou que entre 70 a 90% atribuía o seu ingresso na igreja à influência de amigos e parentes. Como um exemplo entre muitos que poderiam ser mencionados, apresento o caso da Igreja Batista do Norte de Syracuse, Estado de Nova Iorque. Oitenta e seis por cento dos novos membros atribuíram o seu ingresso na igreja à influência de amigos e parentes. Por outro lado, George G. Hunter III, especialista em crescimento de igreja e muito conhecido por seu livro *La Congregación Contagiosa*, diz que na América do Norte, entre 75 a 90% dos novos membros atribuem sua decisão de pertencer à igreja à influência de amigos e/ou parentes. A mesma coincidência em porcentagem encontrou o Gallup, num estudo com membros Adventistas no Brasil.

Oosterwal dizia, baseando-se numa série de estudos comparativos que abrangeu continentes, que “um genuíno companheirismo entre os fiéis, entendendo-se também as pessoas que não participam de nossa fé”, é o fator isolado mais importante de crescimento da Igreja Adventista no mundo.

O companheirismo entre os fiéis não só traz à igreja os não convertidos que vivem num mundo desprovido de amor, mas faz com que ao virem para ela desejem permanecer, porque encontraram um refúgio, um lugar no qual são compreendidos e apreciados.

Num estudo realizado na Conferência do Lago, DNA, Oosterwal observou que a apostasia é maior naqueles que têm parentes na igreja. No mesmo estudo, constatou-se que 57% dos recém-convertidos adultos atribuía sua união à igreja, à influência de amigos e parentes; e 67% disseram que amigos e parentes haviam sido o primeiro contato com a igreja.

Este fato não faz senão confirmar que o companheirismo é o mais importante fator de crescimento da igreja. Naturalmente, se ele constitui o que mais ajuda para que as pessoas entrem na igreja e o que mais contribui para que não saiam, o resultado natural será maior crescimento líquido. Foi isto o que se verificou em estudos sobre apostasia. Detamor, pastor adventista especialista em ex-adventistas,

constatou que os membros em geral não deixam a igreja por problemas doutrinários, mas por algum problema de falta de companheirismo. A amizade faz diminuir a apostasia; sua falta a aumenta.

Como pastor em uma cidade da Argentina, tomei parte em um estudo sobre apostasia, realizado pelo Pastor Rubén Pereyra em toda a América do Sul. Isto me fez entrar em contato com muitos ex-membros. Nesse estudo, pude observar que a causa mais freqüente de afastamento da igreja, tinha que ver com experiências desagradáveis com outros membros ou com o pastor. Isto ficou comprovado no mais extenso trabalho realizado em todo o continente.

Por outro lado, num estudo feito na Associação da Columbia, DNA, verificou-se que uma atitude mais amorosa, consistente de uma relação de apoio com outros membros, é a causa que muitos membros seguiram na igreja. Além do mais, Detamore, que visitou por volta de 25.000 ex-adventistas em seus 35 anos de ministério, diz que o realce na bondade, no amor e no companheirismo, ao invés de na doutrina, tem feito com que muitos ex-adventistas voltem à igreja.

Finalmente, e à guisa de exemplo desta seção, aprendamos uma lição dos irmãos da Associação do Nordeste, DNA. Durante 1986, 1987 e 1988 esses irmãos puseram em marcha o Projeto 87 de Companheirismo. Esse projeto consistia basicamente em trabalhar com amigos e parentes, convidando-os para os cultos da igreja. Os resultados mais visíveis, embora não sejam os únicos, foram um aumento de 60% nos batismos durante aqueles três anos naquela Associação.

Toda essa documentação nos diz que a vida de reunião como círculo de amizade é fator que deve ser levado em consideração, visto que aumenta o número de membros e diminui a saída destes, produzindo como resultado natural um maior crescimento da igreja. Por isso é tão importante a combinação das grandes comemorações com a vida de reunião como círculo de amizade.

3. *Células ou pequenos grupos*. Nesse ponto, o autor salienta a importância dos pequenos grupos. Diz que eles são de grande importância na reunião como círculo de amizade. “Por esta razão”, diz ele, “é que 40% das igrejas maiores do mundo têm pequenos grupos.” Menciona as igrejas coreanas como exemplo.



# “Prega a Palavra...”

ZINALDO A. SANTOS

*Redator da Casa Publicadora Brasileira*



**E**ntre as múltiplas funções características do trabalho pastoral, está a pregação. Ela é vinculada à Missão da Igreja, e nenhuma ênfase dada a qualquer outra coisa deveria deslustrar a sua importância. Segundo Marcos, o evangelista, Jesus “designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar” (S. Mar. 3:14). “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho”, ordenou o Mestre (S. Mar. 16:15).

Falando da pregação, Andrew Blackwood opina que ela “deveria ser considerada a mais nobre tarefa que existe na Terra. Aquele que é chamado por Deus

para proclamar o Evangelho deveria destacar-se como o homem mais importante na sua comunidade, e tudo quanto fizesse para Cristo e para a Igreja deveria manifestar-se na sua pregação. No púlpito ele deverá fazer muito do seu melhor trabalho para o tempo e para a Eternidade. Em geral, devemos empregar nossos superlativos parcimoniosamente, mas não quando falamos da obra do pregador”.

Na liturgia protestante, a partir da Reforma, a pregação passou a ser a mais importante função do pastor. Por isso mesmo, na maioria das igrejas protestantes, hoje, a eficiência do pastor é medida pelo

seu êxito como pregador. De certa forma, isso não difere muito do pensamento adventista, pois, apesar da ênfase que dá ao trabalho pessoal, a Sra. Ellen White recomenda a designação de homens especialmente qualificados para o trabalho da pregação: “É grande erro manter um ministro que tem o dom de pregar com poder o evangelho, constantemente ocupado com assuntos comerciais...”

“As finanças da causa devem ser devidamente cuidadas por homens que tenham habilidades para o comércio; os pregadores e evangelistas porém, são separados para outro ramo de trabalho. A direção das questões comerciais deve ficar com outros que não os separados para a obra de pregar o evangelho.” — *Evangelismo*, pág. 91.

Tem-se repetido, com certa freqüência, que o púlpito está enfraquecido. Uma das razões, logicamente, está na falta de preparo e de esmero dos pregadores: “O ministério está-se enfraquecendo devido a estarem assumindo a responsabilidade de pregar homens que não receberam o necessário preparo para essa obra. ... A salvação de almas é uma vasta obra, a qual requer o emprego de todo talento, todo dom da graça. Aqueles que se empenham nela devem constantemente crescer em eficiência.” — *Obreiros Evangélicos*, págs. 94 e 95.

### Sermão que satisfaz

**O** pregador é um mensageiro da esperança. Ao se levantar para falar, no sábado pela manhã, tem a sagrada responsabilidade de alimentar, instruir e satisfazer as necessidades do povo, que, qual rebanho faminto e sedento, cansado após longa peregrinação por sendas difíceis e variadas durante a semana, vem à igreja em busca de refrigério, paz e segurança.

Que dirá ele às crianças, aos adolescentes, jovens e idosos? Qual a mensagem que dará à jovem esposa frustrada no casamento? Que dirá ele aos intelectuais e indoutos? À viúva, aos órfãos e solitários? Que mensagem terá para a dona-de-casa; o enfermo, o derrotado, o oprimido, sim, para o que talvez vá morrer durante a próxima semana?

O apóstolo São Paulo disse a Timóteo: “Conjuro-te, perante Deus, e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela

Sua manifestação e pelo Seu reino; prega a Palavra...” (II Tim. 4:1 e 2). Evidentemente, não é a palavra dos noticiários, nem dos políticos. Tampouco a palavra do próprio pregador, nem mesmo a do mais brilhante teólogo. Mas a Palavra viva e eficaz do nosso Deus. Só ela satisfaz plenamente.

Como porta-voz de Deus, o pregador não é um pressagiador de condenação, e sim um arauto de felicidade. Traz a alegria do Senhor aos abatidos e desenganchados. Eleva os homens da lama do pecado à presença de Deus. “Quando um homem toma a espada da Palavra de Deus em sua mão e, empunhando-a, limpa o caminho para Seu povo, então esta Palavra deve brilhar com um novo brilho. Somente um sermão baseado na Palavra de Deus pode ser poderoso a ponto de derrubar as fortalezas”, diz Roy Allan Anderson.

### Preparação necessária

**P**or ser tão decisivo na vida do crente e Missão da Igreja, o “ministério da Palavra” (Atos 6:4) não pode ser operado de modo desleixado. Merece o melhor do nosso tempo em preparo e planejamento. Não estamos falando apenas da elaboração de um único sermão, mas de um programa de pregação para a igreja, durante um período — um ano, por exemplo. Muitos pregadores e igrejas têm experimentado os benefícios da elaboração de um calendário de púlpito.

Entre suas vantagens, é possível enumerar as seguintes: Oferece equilíbrio na apresentação da mensagem — “ração balanceada” para o rebanho. Estimula um programa sistemático de estudo para o pregador. Livra-nos do perigo de preparar muitos sermões éticos, enfatizando demasiadamente as boas obras, ou só assuntos particularmente preferidos. Evita a monotonia dos sermões rotineiros dos pregadores locais.

Um calendário de púlpito deve incluir, segundo o Dr. Joel Sarli:

1. Sermões cristocêntricos, sobre a doutrina da salvação, para dar aos crentes certeza e contentamento.
2. Sermões doutrinários, para estabelecer e confirmar os crentes na fé.
3. Sermões éticos, para que saibam que



---

O ministério da palavra merece o melhor de nosso tempo em preparo e planejamento. Estas precauções envolvem mais do que o preparo de um sermão; requerem um programa de pregação para a igreja durante um determinado período, podendo este ser até de um ano.

---

a fé tem de ser manifestada pelas boas obras.

4. Sermões missionários, para manter acesa na mente e no coração dos crentes a chama da Missão.

Há outras idéias que podem muito bem ser aproveitadas para variedade na pregação anual:

1. Eventos especiais — Dias das Mães, Dia dos Pais, Estações do ano, etc.

2. Livros da Bíblia — Um sermão tirado de cada um dos principais livros da Bíblia.

3. Programa denominacional — Dever ser dar vida às sugestões da Organização.

4. Ano Bíblico — Sermões sobre a parte da Bíblia indicada no programa do Ano Bíblico.

5. Necessidades da congregação — O pastor saberá identificá-las ao desempenhar a tarefa de visitação pessoal, constante e sistemática.

Exemplos de séries de sermões:

1. *Oito sermões sobre salvação*

- Depravação total ou parcial?

- Expição — A resposta de Deus.

- Justificação — A justiça de Deus torna-se nossa.

- Regeneração — A vida de Deus torna-se nossa.

- Adoção — A família de Deus torna-se nossa.

- Santificação — A santidade de Deus torna-se nossa.

- Arrependimento — O que Deus requer do homem.

- Glorificação — A glória de Deus torna-se nossa.

2. *Os sete maiores livros da Bíblia*

- Gênesis — O livro das origens.

- Salmos — O livro dos cânticos.

- Isaías — O livro das majestosas profecias.

- João — O livro da salvação.

- Romanos — O livro da Teologia.

- Hebreus — O livro das melhores coisas.

- Apocalipse — O livro do fim.

3. *Grandes textos da Bíblia*

- Gênesis 3:15 — A guerra das sementes.

- Levítico 17:11 — O poder do sangue.

- Rute 1:16 e 17 — Decisão e destino.

- Isaías 1:18 — Pecado, lâ e neve.

- Isaías 53:6 — O carregador de pecados.

- Daniel 5:27 — Pesado e achado em falta.

- Miquéias 6:8 — O que Jeová requer.

- Habacuque 2:4 — Justificado pela fé.

- Mateus 11:28 e 29 — Descanso para o cansado.

- Marcos 8:36 — O valor de uma alma.

- São João 3:16 — A maior mensagem.

- Atos 4:12 — Nenhum outro nome.

- Romanos 8:28 — Tudo para o bem.

- Efésios 2:8 e 9 — Salvo pela graça.

- Gálatas 2:20 — Crucificado com Cristo.

- Hebreus 7:25 — Completamente salvo.

4. *As sete igrejas do Apocalipse*

5. *As bem-aventuranças*

A Bíblia, enfim, é uma fonte inesgotável, e o pregador tem o dever de explorá-la ao máximo.

Concluindo, é oportuno ponderar as palavras do Dr. John Henry Jowett, citado pelo Pastor Horne Silva, em seu livro *Oração Sacra*, pág. 162:

“O público precisa perceber que estamos devotados a uma ocupação séria, que há em nossa prédica uma busca entusiástica, busca insone e imorredoura. O público precisa sentir no sermão a presença do ‘caçador celeste’ a sulcar a alma em suas verdades mais ocultas, perseguindo-a no ministério da salvação, para arrastá-la da morte para a vida, da vida para a vida mais abundante, de graça em graça, de força em força, de glória em glória...”

“O púlpito pode ser o centro de poder dominante e pode ser o cenário de trágico revés. Qual a significação da nossa vocação quando ocupamos o púlpito? É o nosso encargo, dado por Deus, guiar homens e mulheres cansados ou rebeldes, exultantes ou deprimidos, ardorosos ou indiferentes, para o ‘esconderijo do Altíssimo’.”

# “Por Favor, Procure Ajuda!”

ROBERT PEACH

**O aconselhamento profissional pode ajudar o pastorado a encontrar alívio de grande parte da bagagem emocional que atralha o seu relacionamento e lhe ameaça a eficiência.**

**J**im e Sally tiveram que fazer apenas concessões sem muita importância, relacionadas com o seu casamento, durante os primeiros sete anos. Três anos depois, quando Jim assumiu um novo pastorado, seu relacionamento deu um passo decisivo.

O problema já havia ameaçado o seu casamento durante as batalhas que Jim travou em sua igreja anterior. Ele se achava desiludido e magoado por causa da condescendência e os conflitos dos membros de sua igreja. Estava desgostoso de maneira especial por causa da opinião de Sally de que algumas das condescendências dos membros eram justas. Ela insistia com ele para que resistisse e solucionasse os problemas. Em lugar disso, sob seus protestos ele deixou sua congregação rural de 175 membros e aceitou uma posição de auxiliar em uma cidade.

Um ano depois da transferência, Sally e Jim estavam ainda mais distantes em seu relacionamento. Sally sugeriu buscarem a ajuda de um conselheiro. Jim se recusou. “Se você precisa de aconselhamento”, disse Jim, “não tenho nada contra; mas não conte comigo.”

Contudo, quando Sally iniciou o aconselhamento, Jim não gostou. Achou que a esposa estava revelando assuntos particulares a uma pessoa estranha. Quanto a Sally, esta se tornou mais feliz e menos sarcástica em seus comentários feitos a Jim. Trabalhando, ela fez amizades que deixaram Jim grandemente nervoso. Quando conseguiu uma promoção com maior

salário do que o do marido, este começou a achar que ela poderia estar pensando em deixá-lo. Pensou em confiar o caso a um colega de ministério, mas não conseguia ver ninguém de confiança. Preocupou-se apenas por algum tempo com a idéia de aconselhar-se com o executivo denominacional de seu distrito, abandonando-a em seguida, embora temesse futuras implicações em sua habilidade como obreiro. Pensou em procurar o conselheiro de sua esposa, mas ficou preocupado com o que Sally lhe dissera, referente a seus problemas.

Estava sem saber o que fazer. Procurou dedicar-se aos estudos devocionais, mas a mente continuava divagando a respeito de Sally. Ficou deprimido e tinha problemas de insônia.

Ao voltar para casa certa tarde, Jim encontrou um bilhete da esposa. O bilhete dizia que havia comida na geladeira e que ela havia levado as crianças ao *shopping* e para comer pizza na avenida. Naquela noite, depois que as crianças foram dormir, Jim queixou-se para Sally do jantar intragável que ela lhe deixara. De alguma forma, isto a fez rir, e ela lhe disse algo sarcástico. Jim respondeu com uma série de imprecisões. Sally chorou e saiu do quarto. Após se acalmar, Jim começou a refletir sobre sua falta de controle emocional. Fazia anos que ele não usava algumas das palavras que acabara de desferir contra Sally. Cheio de remorso, aproximou-se dela, mas tudo o que ela fez foi balançar a cabeça e dizer: “Não sei o que fazer, Jim. Sinto-me tão distante de você, tão aborrecida! Sinto-me como se jamais o tivesse conhecido. Jim, por favor peça ajuda!”

Deu Will Jim atenção ao apelo de sua esposa e buscou aconselhamento? Para muitas pessoas é difícil pedir ajuda. Os pastores não são diferentes.



Isto é desagradável, principalmente para alguns como Jim. Seu casamento por certo seria beneficiado com aconselhamento. Sem ajuda, Jim seria ainda mais prejudicado, tanto profissional como pessoalmente.

Quais são algumas das barreiras que impedem os pastores de buscarem o auxílio de que necessitam? Minha lista se divide em duas partes: barreiras externas e internas. Identifico primeiro uma barreira e, em seguida, apresento uma resposta para ela. Meu objetivo é estimular o pastor a tomar consciência de seus problemas e da necessidade de buscar ajuda.

#### **Barreiras externas para evitar ajuda**

**B**arreira: Expectativa de trabalho. Por causa das expectativas em favor de um pastorado “sem mancha”, nossa sociedade lança um estigma sobre aqueles que demonstram suas “fraquezas” ao buscarem aconselhamento. Os pastores, em particular, acham que não lhes é permitido ter fraquezas, principalmente aquelas que exigem a intervenção de um profissional. Eles não toleram imaginar que a pessoa de quem esperam receber ajuda também necessite de assistência.

*Resposta:* Talvez haja aqui mais latido do que mordida para este problema. Num estudo dirigido vários anos atrás, David e Vera Mace observaram que a idéia que os pastores tinham daquilo que os membros esperavam deles não era muito menos estrita do que aquela que eles tinham de si mesmos.<sup>1</sup> Talvez os pastores projetem seus próprios temores para os membros de suas igrejas. Sem nenhuma dúvida, os membros têm expectativas irrealistas, mas é possível que os pastores sejam levados a interpretar a atitude da minoria como representando a maioria.

O conceito de “cura prodigiosa” de Henri Nouwen<sup>2</sup> também ajuda a vencer a barreira da expectativa. A elevada empatia pastoral pode vir do pastor que curou a si mesmo. Os membros da igreja são beneficiados pela cura das feridas experimentada pelo pastor.

*Barreira.* Ambiente de trabalho. A média do ambiente de trabalho dos pastores favorece o isolamento. Muitos servem como pastores isolados, sem os benefícios de colegas imediatamente disponíveis. Eles são usados como “Nômades Solitários” em sua

---

As desculpas  
apresentadas por alguns  
obreiros para não  
procurarem  
ajuda são autênticas  
barreiras atrás das quais  
se escondem,  
muitas vezes temerosos de  
que os seus  
pontos fracos se tornem  
conhecidos das outras  
pessoas.

---

passagem pelo ministério. A consulta profissional muitas vezes é olvidada. Outros pastores poderiam servir como um grande apoio em momento de necessidade, mas as pontes do relacionamento em geral não estão no lugar, prontas para facilitar esse tráfego emocional quando necessário.

*Resposta:* Na Criação, Deus olhou para baixo e disse que não era bom que o homem estivesse só. Jesus também foi cuidadoso ao enviar Seus discípulos ao campo evangelístico, em número de 70, em grupos de dois. Pessoa alguma tem a habilidade de lidar com todas as situações ou mesmo entender cada circunstância. Encontram-se nas diversas pessoas, personalidades, perspectivas e habilidades diversas. Um pastor tolhido por suas próprias limitações pode, via de regra, auferir benefício do ponto de vista de outra pessoa. Não significa isto que os outros sejam de maneira alguma superiores ou mais capazes; significa apenas que eles são diferentes.

Os conselheiros são ensinados a buscar em supervisão de um colega quando em dificuldade em seu trabalho. Semelhantemente, o pastor deveria também ir em busca de aconselhamento. Os pastores devem construir pontes, junto com outros colegas e profissionais que podem entender os seus pontos de vista. Lançar com um colega de ministério, participação regular na área de associação pastoral, atividades recreativas com outro pastor ou familiares profissionais, tudo con-

tribui para construir pontes importantes quando o tráfego pesado precisar passar por elas numa ocasião posterior.

**Barreira:** O boato. Muitos pastores descendem com a facilidade com que a tagarelice circula em sua comunidade. Eles ouviram (ou passaram adiante) informações embaraçosas a respeito de dificuldades particulares de seus colegas de ministério. Não admira que eles estejam temerosos de confiar em pessoas que têm acesso ao falatório denominacional, temendo que sua informação suscetível comece a fazer este circuito.

**Resposta:** Essa dificuldade perturba também ao apóstolo Tiago: “A língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontrolado, carregado de veneno mortífero” (Tiago 3:8). Talvez o próprio Tiago tenha sido atingido pelo boato eclesiástico! Como podeis manejar o veneno potencial da língua solta, enquanto não construirdes paredes espessas entre vós mesmos e vossos colegas?

O primeiro requisito é ser responsável para com você mesmo. Pratique a regra de ouro nas comunicações que você faz. Considere as informações a respeito das outras pessoas como gostaria que fossem tratadas as informações a seu respeito. Não passe boato adiante. Quando tiver dúvida, confira com o portador da informação antes de prosseguir. Seja tão sábio como uma serpente e tão inofensivo como uma pomba. Você não deve isolar-se dos outros num momento de necessidade, mas não seja néscio na escolha da pessoa em quem você confiar. Seja claro ao indicar à pessoa com quem você fala que está falando em confiança. Se o assunto é tão delicado que você não quer assumir o risco de o boato se espalhar, escolha alguém de outra denominação, e talvez não em sua comunidade imediata. Escolha um conselheiro profissional treinado e eticamente obrigado a guardar sua confissão.

Lembre-se disso: Se deixar de buscar ajuda e procurar guardar tudo no íntimo, pensando que pode controlar, a explosão resultante produzirá maior desastre do que o boato poderia causar por si mesmo.

**Barreira:** Finanças. Pedir aconselhamento pode ser dispendioso. Os honorários, por sessão, muitas vezes podem chegar de 60 a 100 dólares. Esta pode ser uma barreira significativa, caso não haja plano de saúde suficiente.

**Resposta:** Quando tem um problema físico que causa dor e sofrimento, você se dispõe a pagar pelo cuidado de um médico especialista. Os honorários dos médicos são caros — mais caros ainda quando calculados por hora, uma vez que você procura o seu médico por apenas 10 ou 15 minutos. Leva mais tempo lidar com dificuldades emocionais. Aceite a idéia de que os honorários por tempo de aconselhamento podem ser dinheiro bem empregado. Contudo, não fique receoso de se tornar um grande consumidor. Telefone para o consultório dos conselheiros em potencial e pergunte o preço dos honorários. Veja se o seu plano de saúde ajudará no custo de um tratamento bastante demorado, a fim de tornar o aconselhamento possível. Muitos conselheiros podem trabalhar com um parcelamento dos valores ou um plano financeiro que atenda a sua situação econômica pessoal. Você pode também verificar se a denominação tem algum plano assistencial de aconselhamento. Na minha maneira de ver, aconselhamento não deve ser considerado um desperdício de dinheiro ou algo com o que não se deva gastar.

**Barreira:** Vulnerabilidade vocacional. Muitas denominações acusaram um excesso de pastores na década passada. O fato de que novos candidatos estão esperando preencher alguma vaga, cria uma atmosfera de vulnerabilidade ocupacional. Os pastores param de trabalhar ou são forçados a isto, e a organização empregadora não tem nenhuma dificuldade em encontrar substitutos. Os pastores desocupados parecem quase desaparecer, às vezes com o pequeno cuidado provido pela igreja para curar os ferimentos e prepará-los para futuro emprego. Sabedores de tudo isso, os pastores se sentem inclinados a conservar os seus problemas guardados no íntimo.

**Resposta:** A resposta a isto deve vir de duas atitudes. Em primeiro lugar, os administradores responsáveis pelo chamado ou recomendação do pastor devem proceder de conformidade com uma teologia da importância da pessoa. Mesmo que exista uma combinação significativa de trabalho pastoral, e a descoberta de uma substituição resolva o problema imediato, os administradores devem continuar a cuidar do bem-estar do pastor que esteja com problema. Naturalmente, os administradores não podem assumir toda a responsabilidade. Ao pastor também cabe a



responsabilidade por resolver suas dificuldades. A parte do pastor, contudo, torna-se mais fácil quando os administradores fazem a sua parte em levar as cargas "uns dos outros", cumprindo assim "a lei de Cristo" (Gál. 6:2). Fazer isso, propiciará um clima de trabalho menos vulnerável para o pastor.

A segunda atitude: emocionalmente, você não deve viver em temor mortal de perder o seu emprego. Quanto mais ansioso você se sente com relação ao desempenho e à ameaça de perder o emprego, tanto mais fraco será o seu desempenho. A ansiedade diminui a qualidade. Se houver um pastor de sobra em sua denominação, esteja ciente disto; mas depois, mentalmente decida concentrar-se em tornar-se ministro, para a alegria dele. Não per-

---

**O excesso de pastores, em algumas localidades, pode constituir motivo de preocupação para aqueles que estão atuando no ministério. Um bom desempenho de sua parte, pode garantir a sua permanência, e trazer-lhes tranquilidade.**

---

mita que o pastor disponível o intimide.

**Barreira:** Crise em desenvolvimento. Muitos pastores não recebem o preparo adequado para entender e lidar com as várias crises em desenvolvimento, do adulto.<sup>3</sup> Essa falta de preparo torna uma crise não esperada grandemente dolorosa. Como todas as demais pessoas, os pastores são levados a considerar incomum o seu sofrimento, e que eles são os únicos sofrendores de algum tipo de problema. Podem achar também que a existência do problema indica algum defeito neles como membros capacitados para a profissão ou mesmo da raça humana. Naturalmente eles se sentem envergonhados de expor suas supostas imperfeições a outra pessoa, principalmente um estranho.

**Resposta:** Os planejadores do currículo

do curso teológico devem incluir material que permita aos futuros pastores familiarizarem-se com o conceito e o processo do desenvolvimento do adulto. Os formandos do seminário estariam assim mais bem preparados para lidar com as crises das várias fases da vida que lhes vêm quando o tempo, o ministério e a família — tudo muda, e os força a enfrentar a mudança.

### **Barreiras pessoais para evitar ajuda**

**A**lém desses fatores externos, os pastores enfrentam também várias barreiras internas para pedir ajuda.

**Barreira:** Timidez. O temor incapacita muitas ações que as pessoas prejudicadas poderiam levar a efeito para ajudarem a si mesmas. O medo assume muitas formas: temor de revelar as próprias necessidades a outra pessoa por causa da perplexidade esperada e da redução da imagem aos olhos da outra pessoa; temor de fazer a "prova" de insuficiência pessoal e um sentimento de inutilidade; temor de admitir os problemas para um colega por causa de um sentimento de competitividade com outros pastores.

**Resposta:** O temor é uma das mais fortes emoções que as pessoas experimentam. Ele tem o poder de imobilizar-nos quase como a indefesa vítima de um tigre que espreita se mantém dominada pelo terror até um determinado ponto. O temor da exposição da incompetência pessoal é um receio comum. Deve ser identificado como tal e depois exposto à verdade de Jesus. A pessoa tímida deve decidir conscientemente buscar a solícita face de Deus. O amor de Cristo tem poder para lançar fora o temor. "Não temas" é uma das mais repetidas recomendações de Deus. Isto é verdade a despeito de todas as nossas faltas, fraquezas e inaptidões.

**Barreira:** Perfeccionismo. Muitos pastores têm um forte traço de perfeccionismo, embora rejeitem o perfeccionismo teologicamente. Eles experimentam uma fase difícil, aceitando a dolorosa evidência presente de sua falibilidade. Dizem às outras pessoas que não se espera que elas não cometam erros, mas eles próprios têm dificuldade em seguir este conselho. Eles não querem lidar com os próprios erros, e se recusam assim a pedir ajuda de al-

guma pessoa, pois isso os obrigaria a enfrentar tais erros.

*Resposta:* Devemos ter a coragem de enfrentar nossas próprias imperfeições — não como uma desculpa para nosso comportamento errado (i.e., alegando de maneira simplista “ninguém é perfeito”, quando nos defrontamos com uma pessoa fal-tosa) — mas antes como um reconhecimento de nossa pecaminosidade. Isso nos permite enfrentar nossas necessidades e fixar um alvo para mudar. A certeza do amor e aceitação de Deus torna possível o progresso. A honestidade consigo mesmo, permite ao pastor procurar ajuda e encorajamento de outra pessoa, quando necessária, de preferência a continuar afirmando que não tem necessidade de auxílio.

*Barreira:* Razão para escolher o ministério. Um psicólogo que lidava com pastores e aspirantes ao pastorado, observou que a profissão de pastor era escolhida na maioria das vezes por pessoas que possuíam uma significativa necessidade de agradar a outras pessoas.<sup>4</sup> Isto torna ameaçador revelar a face oculta da pessoa.

*Resposta:* As pessoas são muitas vezes atraídas para o ministério por causa dos cumprimentos que recebem de outras pessoas por seu envolvimento nas atividades da igreja. Erroneamente elas imaginam que o pastorado será um interminável desfile de pessoas agradecidas expressando a sua gratidão por aquilo que o pastor faz. Isto não reflete o verdadeiro sentido da palavra ministro. A experiência pastoral genuína recebe cumprimentos, mas põe também a pessoa em contato com os membros que têm interesses pessoais. As pessoas interessadas no ministério bem fa-

riam em buscar a experiência e o conselho psicológico relacionados com fatores da personalidade, que podem indicar uma carreira incompatível. Os pastores que já se acham no ministério deveriam procurar ajuda, caso descubram em si mesmos certo grau patológico de qualidades que visam agradar as pessoas.

*Barreira:* Deus cuidará disso. Não raras vezes é usada pelos pastores uma racionalização teológica a fim de evitarem falar a outras pessoas a respeito de suas preocupações: “Deus é o único Ajudador de quem necessito.” Essa barreira interior tem um tom de piedade. O pastor não deseja mostrar falta de fé na capacidade de Deus para ajudá-lo mediante um problema.

*Resposta:* A Bíblia nos ensina a levar os fardos uns dos outros (Gál. 6:2) e a confessar nossas faltas uns aos outros (Tiago 5:16). Diz o sábio: “Como o óleo e o perfume alegram o coração, assim o amigo encontra doçura no conselho cordial” (Prov. 27:9). A fim de invocarmos o conselho cordial de uma pessoa, esta deve estar capacitada a ouvir nossa história — deve saber a respeito do fardo que carregamos. Deus, naturalmente, é nosso maior amigo. Devemos contar-Lhe os nossos pesares. Cumpre-nos levar tudo a Jesus. Não significa isto, porém, que não devam buscar ajuda de outros. Deus nos criou com necessidades de ajuda e para ajudarmos mutuamente, e a ordenação não exclui ninguém dessa verdade fundamental.

*Barreira:* Espiritualidade deformada. À semelhança do encanador cujo encanamento está necessitando grandemente de conserto, o ministro que é visto pela comunidade como especialista espiritual pode, ele mesmo, estar em luta com uma espiritualidade deformada. Se a formação e o crescimento espiritual estiverem sadios, os temores e negativas mencionados acima poderão facilmente desaparecer.

*Resposta:* O apóstolo Paulo expressou um cuidado pessoal relacionado com o seu ministério. Disse esperar que não tivesse corrido em vão, nem se esforçado inutilmente (Filip. 2:16). Ele respondeu à sua própria preocupação, ao dizer: “Se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei” (I Cor. 15:2). A Bíblia e os assuntos espirituais com os quais ela se relaciona, são o produto a venda, da vocação do ministro. Mas é também importante que o crescimento e a vitalidade espiri-

---

É bom ser cumprimentado pelas pessoas à saída da igreja, bem como ser apreciado pelos membros. Mas o pastorado não consiste em receber cumprimentos. As pessoas possuem necessidades que devem ser satisfeitas.

---



---

Os pastores devem ser espiritualmente saudáveis para o seu próprio bem-estar, e não só porque se requer que os bons ministros sejam espiritualmente alegres. A seiva espiritual deve correr-lhes abundantemente no coração, e dar-lhes paz.

---

tuais próprios não dêem lugar a uma labuta semanal em favor de novas idéias para sermões e às agonias do seu preparo. Os pastores devem ser espiritualmente saudáveis para o seu próprio bem-estar, e não só porque se requer que os bons ministros sejam espiritualmente alegres. Ter a seiva espiritual correndo abundantemente e levando saúde, certeza e vigor através das veias, dará a segurança e compreensão de que o ministro necessita para buscar conselho e orientação com outros. Por que não tomar as 24 horas, uma Bíblia, nosso coração contrito, um calmo lugar distante e ouvir a vozinha suave?

**Barreira:** Pessimismo. Por pessimismo quero dizer qualquer coisa que alimente uma sensação interna de inutilidade. Talvez sua personalidade tenha essa tendência negativa; você nunca espera que advenha algum resultado positivo de algum esforço para resolver um problema criativo. Talvez a crise da meia-idade que você esteja enfrentando faça a sensação de paz parecer de novo inatingível. A depressão de qualquer espécie pode produzir uma sensação muito forte de inutilidade. Estes exemplos de pessimismo podem produzir uma barreira emocional significativa, impedindo o pastor de assumir o risco de pedir ajuda mediante cuidado e interesse de um amigo, colega ou profissional.

**Resposta:** Se o seu ministério estiver sendo importunado por período de depressão, podem estar-se manifestando os seguintes sintomas nessas ocasiões: um sentimento de apatia e desânimo, uma vontade de chorar com mais facilidade do que de costume, alguma espécie de per-

turbação do sono, resposta rude a pessoas ou situações, ou idéias suicidas. Se estas coisas estiverem ocorrendo, procure tratar-se imediatamente. Um profissional da saúde mental pode proporcionar a ajuda necessária. Seu médico pode atribuir a depressão a alguma causa fisiológica. Uma atitude pessimista pode ser uma forma súbita de aversão pessoal. A expectativa de que nada irá dar certo, pode tornar-se uma profecia de cumprimento pessoal. Se você acha que não pode ser ajudado, inconscientemente pode frustrar qualquer tentativa de intervenção para impedir o cumprimento de sua profecia de ruína. Esse pessimismo em geral é arraigado por natureza e pode ser difícil mudar. O lugar para começar é uma disposição para considerar a mudança, reconhecendo os benefícios potenciais de olhar a vida com uma atitude positiva. Assuma o risco de discutir sua atitude pessimista com um amigo ou conselheiro de confiança, para recuperar o ânimo.

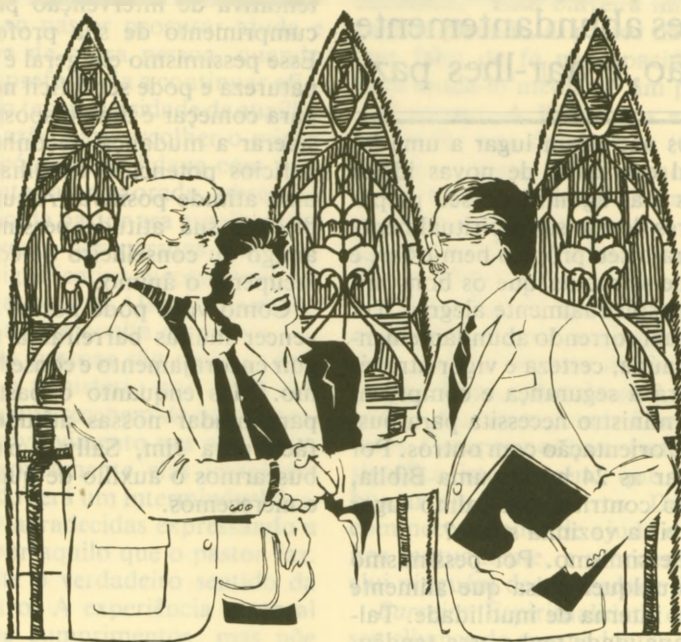
Como você pode notar, o pastor deve vencer muitas barreiras a fim de conseguir encorajamento e conselho para si mesmo. Mas enquanto o pastor se esforça para mudar nossas atitudes, seria mais fácil para Jim, Sally e para todos nós buscarmos o auxílio de que necessitamos e merecemos.

1. David Mace and Vera Mace, *What's Happening to Clergy Marriages* (Nashville: Abingdon, 1980), pág. 55.
2. Henri Nouwen, *The Wounded Healer* (Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1972).
3. Podem ser consultadas várias fontes para informação do desenvolvimento adulto: Daniel J. Levinson, *The Seasons of a Man's Life* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1978); Lillian E. Troll, *Early and Middle Adulthood* (Monterey, Calif.: Brooks/Cole, 1975); Elizabeth Carter and Monica McGoldrick, eds., *The Family Life Cycle* (Nova Iorque: Gardner Press, 1980); Robert Peach, *Caring for Clergy in the Context of Their Families*, dissertação (Ann Arbor, Mich.: University Microfilms, 1985), págs. 81-94.
4. L. Rebeca Propst, "Reflections on Philosophy of Science and the Pastoral Care of Pastors", *Pastoral Psychology*, Winter 1988, págs. 103-114.

# Falar Por Meio de Intérprete

ESA ROUHE

*Pastor-assistente de igreja na Finlândia*



**O tradutor não precisa ser um interruptor. Eis seis princípios que ajudarão tanto ao pregador como ao tradutor.**

**A** comunicação moderna transformou o mundo numa vila global. Muitos de nossos pastores e evangelistas muitas vezes se encontram diante de nossos auditórios, tendo que enfrentar as barreiras lingüísticas, nacionais e culturais, as quais exigem comunicação através de intérpretes.

Em qualquer situação, a comunicação é um processo difícil, mas falar por meio de um intérprete é ainda mais desafiadora. Como melhorar a situação para as três partes — o pregador, o intérprete e o auditório — bem como para a própria mensagem? Com a experiência que tenho, tanto de pregador

como de intérprete, sugiro os seis princípios seguintes ao usarem intérpretes.

1. *Entrem em entendimento antes, com o intérprete.* Muitas vezes o pregador e o intérprete não fizeram nenhuma combinação antecipada. Antes de irem para o púlpito, devem eles saber um pouco um do outro. Mesmo uma conversa rápida, dá ao intérprete uma idéia antecipada das palavras que o pregador costuma usar — pronúncia, acentuação, vocabulário. Os pregadores deveriam informar os seus tradutores de alguns termos especiais que eles podem estar usando — tais como palavras técnicas, estatísticas ou quaisquer formações lingüísticas fora do comum. Os tradutores estarão assim preparados para realizar o seu trabalho com confiança.

2. *Surpreenda o auditório, não o intérprete.* Uma pregação interessante muitas



vezes encerra surpresas. Estas, porém, devem ser reservadas para o auditório. Se o intérprete não estiver totalmente seguro do que você quer dizer por meio de uma história, de um fato ou de um gracejo ele terá dificuldade em transmitir sua expressão e significado para o auditório. Para estar certo de que o intérprete não omite sua intenção, fale antes com ele sobre a parte difícil. Se tiver um sermão escrito ou na forma de esboço, dê uma cópia ao intérprete. Converse com o intérprete sobre algumas anotações ou expressões que o auditório talvez ache difíceis ou agressivas.

3. *Não corra na frente do tradutor.* Os tradutores precisam ter o tempo necessário. Em algumas línguas a tradução é fácil; em outras, certas palavras e expressões exigem explicação. Felizmente, os intérpretes deixam de lado as repetições e muitas vezes não necessitam das longas pausas que os pregadores costumam fazer. Em geral a tradução requer três quartos do tempo do pregador.

Uma vez que tanto pregadores como intérpretes ajam sob alguma premência ou excitação, os primeiros têm a tendência de começar a sentença seguinte antes que o tradutor termine a anterior. Quando isso acontece, o auditório não apanha toda a mensagem e o intérprete fica frustrado. Dessa maneira, não corra. Deixe que o tradutor disponha do tempo necessário.

4. *Fale natural e claramente.* A interpretação não exige necessariamente que os pregadores alterem sua maneira normal de falar. Uma enunciação bastante vagarosa pode parecer teatral, e muito rápida pode tornar-se difícil para o tradutor. Fale num bom ritmo e numa velocidade normal. Se normalmente você faz uso de sentenças curtas com apenas algumas palavras de cada vez, a apresentação pode tornar-se irritante para os ouvintes, e mais difícil a tradução — principalmente com a transição e coesão.

As diferenças na estrutura da linguagem influem também na fluência da tradução; às vezes é mais fácil traduzir todas as sentenças do que cláusulas curtas. O ritmo ideal no sermão traduzido é duas ou três sentenças de uma vez.

Esqueça a eloquência natural de sua língua. Você pode pregar um sermão no inglês shakespeariano majestático, mas isso nada significa para o seu auditório que não é inglês. O tradutor deve transportar

sua mensagem para a linguagem comum do auditório, deixando de lado todos os seus recursos verbais. Portanto, evite poesia, ou mesmo a prosa elevada quando a eloquência e a fluência do original permite fácil tradução. A mesma coisa se dá com o uso de palavras, idiomas e outras variantes gramaticais que ficam bem em uma língua, mas não podem ser relacionadas em outra. Quanto mais simples a linguagem, tanto mais fácil a tradução.

5. *Use ilustrações que revelem bom gosto.* As ilustrações abrilhantam o sermão e tornam alerta o auditório, mas os pregadores que estão sendo traduzidos devem escolhê-las cuidadosamente. É sua história cultura específica ou universal? É necessária para levar ao ponto? Está o auditório suficientemente inteirado da base exigida para entender a ilustração? Ajudará ela a conquistar o coração do auditório?

Quando em visita a um país estrangeiro, Billy Graham muitas vezes usa ilustrações da história ou cultura daquela nação — às vezes estimadas daquelas pessoas — e conquista imediatamente o seu auditório. Deleitarão ou ofenderão suas ilustrações, parte do seu auditório? Seja cuidadoso de modo especial com as histórias de guerra — alguns no auditório podem ter estado do lado oposto da guerra.

6. *Acima de tudo, represente o reino do Céu.* Ellen White advertiu certa vez os pastores contra fazerem declarações políticas.<sup>1</sup> Os pastores que visitam outros países deveriam levar a sério este conselho e guardar-se de fazer declarações que apoiem ou ataquem alguma ideologia política. Tais pronunciamentos, mesmo quando verdadeiros, podem ofender, e trazer problemas para a igreja. A melhor conduta é ser um cidadão do reino do Céu.

Conquanto seja verdade que não podemos livrar-nos de nossas raízes nacionais e culturais, somos primeiramente embaixadores de Deus, ministros do evangelho. Por isso, a mensagem que anunciamos, de modo especial numa terra e língua estrangeiras, não deve comunicar qualquer tendência ou preconceito.

A linguagem universal do amor é o veículo apropriado para transmitir o conhecimento salvador de Jesus Cristo.

1. *Testemunhos Para Ministros*, págs. 331 e 332, em inglês.

# O Discurso do Filho Pródigo

---

ALMIR A. FONSECA

Editor de "O Ministério"

---

**O filho pródigo não pôde fazer o discurso que havia planejado de maneira bastante cuidadosa. O pai dispensou a parte que não precisava ser ouvida.**

**Q**uem já leu a parábola conhecida como do "filho pródigo", deve lembrar-se de que ele ainda estava desempenhando a sua última e pouco cobiciada atividade, quando resolveu voltar para casa. Pensou, então, no discurso que faria quando chegasse, um discurso cuja primeira parte constaria de uma confissão, enquanto a parte seguinte seria composta de um pedido. "Pai, pequei contra o Céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores" (Lucas 15:18 e 19), haveria de dizer.

Reuniu então as últimas energias que ainda lhe restavam, e começou a caminhada de volta para casa. Pode-se imaginar o exercício mental que procurou fazer durante a viagem, sempre cuidando para que nenhuma palavra do discurso fosse esquecida. Volta e meia, sempre torturado pelas sensações de um estômago vazio, recitava cada sentença do texto imaginado.

Sua preocupação maior, porém, era com a última parte do discurso. Por certo, estava interessado em abrir o coração e dizer ao pai quanto se sentia triste por tê-lo ofendido. Queria fazer uma confissão franca e sincera, indicando o seu arrependimento por tudo de errado que fizera. Mas, caso viesse a esquecer alguma coisa, que não fosse aquela parte do discurso em que solicitava ao pai que o tratasse como um dos seus trabalhadores.

---

## Nos braços do Pai

---

**A**final, ei-lo correndo para os braços do pai. Após um momento de silêncio, até que as emoções se retemperassem, foi o primeiro a falar. Começou dizendo exatamente aquilo que tanto havia ensaiado pelo caminho: "Pai, pequei contra o Céu e diante de ti", conseguiu deixar escapar dos lábios trêmulos, "já não digno de ser chamado teu filho" (verso 21). Teve, contudo, as palavras interrompidas.

Os braços do pai, que tanto o estavam apertando, começaram a relaxar-se. Por um instante, deve ter imaginado que a sua confissão não estava sendo aceita. Ensaiou então, novamente, prosseguir, mas foi a voz do pai que começou a ser ouvida. Chamava os servos: "Trazei depressa a melhor roupa; vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés" (verso 22); e continuou, dando instruções a respeito do banquete que comemoraria a chegada do pródigo.

As ordens do pai foram cumpridas. O moço foi envolvido pela rica vestimenta, e a festa atingiu os seus momentos de maior enlevo. "Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado" (versos 23 e 24), eram os brados que ecoavam por todos os recintos. Enquanto isso, servos e convidados iam de um lado para outro, tomados de felicidade.

---

## E o resto do discurso?

---

**P**or certo, o filho estava contente com a recepção. Era grande ale-



gria estar sendo alvo de tão elevadas honrarias. Não podia evitar de fazer comparações entre aqueles momentos de tanta fartura, e a escassez com a qual tivera que conviver no chiqueiro de porcos. Estava, porém, feliz com o anel que lhe cintilava no dedo, e pelas sandálias e as iguarias.

Contudo, o filho pródigo parecia ainda um pouco perturbado, e até certo ponto frustrado. Bem no íntimo, perguntava-se a si mesmo por que não pudera concluir o seu discurso. Precisamente a parte que considerava indispensável, acabou não podendo ser apresentada. Estava convencido de que a posição que mais lhe ficaria bem, depois de todos os meandros nos quais andara, seria a de um trabalhador comum; mas acabou verificando que as suas pretensões não se confirmaram. Sequer teve

---

Embora estivesse contente por receber as homenagens que lhe foram prestadas ao regressar, o filho pródigo parecia inconformado por não lhe ser permitido terminar o discurso que havia preparado.

---

ocasião de externá-las. Sem que lhe fossem dadas as explicações, o pai lhe interrompera os desígnios. E, para inquietação de sua parte, não se sentia com o direito de pedir ao pai que lhe dissesse a razão.

O pai, contudo, tinha motivos para assim ter agido. Por isso, apressou-se em ordenar aos servos que providenciassem a festa. Para readmitir o filho arrependido no seio da família, havia já ouvido o suficiente. Longe de estar faltando com a consideração para com aquele que se estava mostrando "abatido e contrito" (Isa. 57:15), sentia-se desejoso de envolvê-lo na veste real e de festejá-lo. O restante do discurso era-lhe inteiramente dispensável. Mesmo sem tê-lo ouvido, afrouxou os braços que enlaçavam o pescoço do jovem, em sinal de que tudo o que este pudesse dizer da-

quele momento em diante, não só haveria de ser desnecessário, mas certamente contrário àquilo que já dissera.

E, na verdade, num discurso de tão poucas palavras, o filho pródigo conseguira reunir aspectos que se anulavam: pois, ao mesmo tempo que confessava ter pecado e estar arrependido, estava dizendo também o que o pai devia fazer ou, em outras palavras, de que maneira pretendia continuar vivendo na casa paterna; isto é, fazendo obras. Sua readmissão ao favor do pai já não seria na condição de filho, pois não se considerava digno de tal honra, mas na posição de um trabalhador comum. Contanto que não passasse fome, já estaria contente. Seu livramento das condições de indigência em que se encontrava deveria, no seu modo de compreender, ser o resultado de trabalho; não do favor paterno. Continuava, assim, com uma visão errada do que significava ser filho.

O pai, com sua experiência, não ignorava essa racionalização do filho, e sequer permitiu que o pedido deste fosse apresentado. Trabalhadores, tinha-os ele já em grande número. Estava necessitando de filhos. Podia olhar para os seus domínios, e descobrir como muitos, à custa de trabalho, queriam manter algum relacionamento com ele. Via com pesar essa espécie de conduta. Não desejava, portanto, que o jovem retornasse nas circunstâncias daquelas pessoas. Esperava que pelo menos ele, que já experimentara no passado o que era ser filho, quisesse voltar nessa condição.

#### À influência do irmão

---

**A** pretensão do filho, de querer retornar à casa do pai como um trabalhador, podia ser estranha, mas não era totalmente nova. Como sabemos, o pai a que se refere a parábola tinha dois filhos, dos quais o mais moço quase sempre é o mais comentado. Conta a alegoria que, quando a festa de recepção ao filho transviado estava mais animada, o primogênito voltou do campo, onde certamente estivera dando prosseguimento à suas atividades pastoris (verso 25). Sentiu-se tratado com desigualdade; mais do que isso, com injustiça, pois se considerava um filho exemplar, enquanto seu irmão

havia trazido desgostos para o lar. Sua revolta o levou à indignação (verso 28).

As queixas do primogênito acabaram trazendo à tona o seu conceito acerca do que significava ser filho. No seu modo de entender, filho era alguém que, mesmo tendo à sua disposição todos os bens do pai (verso 31), precisava ser lembrado de tempos em tempos com um “cabrito” (verso 29), sinal de imediatismo. Como seu irmão mais novo, que pediu a herança antecipadamente, também ele reclamava o cabrito que jamais recebera.

As alegações do primogênito mostraram que não passava de um trabalhador. “Há tantos anos que te sirvo” (verso 29), lançou no rosto do pai. Com isso, demonstrou “que seu serviço era antes o de servo e não de filho”. — *Parábolas de Jesus*, pág. 207. Havia trabalhado, e bastou que tivesse oportunidade, passou a reclamar os seus direitos.

O filho pródigo estava seguindo o mesmo comportamento do irmão. Ao pensar em ser colocado na posição de um trabalhador, por certo imaginava que, no caso de precisar fazer alguma reivindicação, era muito mais fácil citar a sua folha de serviços. No seu modo de entender, as atribuições de filho, da mesma forma que os seus direitos, eram muito imprecisas. O servo sabe qual o trabalho que lhe é atribuído, e quanto vai receber pelo que fez. O filho, porém, segundo essa avaliação, trabalha sem limites, e parece nunca receber nada em troca. Esquece-se, porém, de que não é um assalariado, mas dono de tudo quanto é do pai.

O apóstolo Paulo explicou isso aos romanos, nas seguintes palavras: “Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e, sim, como dívida” (Rom. 4:4). Trabalhasse o filho pródigo para seu pai, este deixaria de lhe estar prestando o “favor” de recebê-lo de volta em casa, e passaria a dever-lhe o pagamento de seu labor.

O pai não desejava que o filho fosse readmitido com o mesmo conceito de filho com que havia deixado o lar. Quando saiu, tinha uma compreensão errada quanto à filiação. Deixara a companhia paterna por considerar-se cerceado em sua liberdade. Se assim era que via o relacionamento entre pai e filho, haveria de sentir-se ainda mais tolhido, sendo um trabalhador, embora estivesse pedindo para sê-lo. Sua mentalidade precisava ser mudada.

O filho pródigo disse o suficiente para ser aceito pelo pai. Considerou-se pecador contra o Céu e contra o pai, e se julgou indigno de ser chamado filho. E precisamente essa confissão e seu reconhecimento de indignidade foram os

---

“O pai não desejava que o filho fosse readmitido com o mesmo conceito de filho com que havia deixado o lar.

Quando saiu, tinha uma compreensão errada quanto à filiação. Deixara a companhia paterna por considerar-se cerceado em sua liberdade.”  
Não seria bom voltar como trabalhador.

---

elementos que levaram o pai a oferecer-lhe o banquete, depois de tê-lo envolvido com “o melhor vestido”. O pródigo não precisou continuar falando.

Esse comportamento do pai aqui mencionado que, como sabemos é Deus, é novamente revelado na parábola do “fariseu e do publicano”, igualmente narrada pelo evangelista Lucas. Segundo conta esse evangelista (Luc. 18:9-14), um fariseu e um publicano imaginários, naturalmente, dirigiram-se ao templo com a finalidade de orar. O primeiro, “trabalhador” como o era o irmão mais velho mencionado na parábola anterior, e como desejava ser o pródigo, disse a Deus tudo o que estava fazendo. O segundo, porém, embora tivesse acompanhado o fariseu em algumas formalidades, como orar em pé, por exemplo, “não ousava nem ainda le-



vantar os olhos ao Céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (verso 13). Uma oração, como vemos, com muito menos palavras do que a apresentada pelo fariseu.

Jesus terminou a ilustração, dizendo que o publicano “desceu justificado” (verso 14), enquanto o seu companheiro e delator voltou em situação diferente. Como no caso do filho pródigo, o publicano disse somente aquilo que Deus precisava ouvir realmente — e é bom lembrar que ambas as parábolas são contadas por Jesus que, de maneira inteligente, deixou que a lição ficasse subentendida. Ao declarar-se pecador, o publicano se colocou na condição de ser desvalido e, portanto, necessitado do favor divino, à semelhança do que aconteceu com o pródigo. O pródigo e o publicano disseram aquilo que o pecador deve dizer para ser justificado por Deus.

“O pobre publicano que orava: ‘Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!’ considerava-se homem muito ímpio, e outros assim o consideravam também; mas sentia a sua necessidade e, arcado ao peso da culpa e da vergonha, veio perante Deus, pedindo-Lhe misericórdia. Seu coração estava aberto para que o Espírito de Deus ali fizesse Sua obra de graça e o libertasse do poder do pecado.” — *Caminho Para Cristo*, págs. 30 e 31.

#### Atitude meio certa

**N**ossa tendência, ao lermos a parábola do filho pródigo, é achar que este agiu corretamente, ao tomar a iniciativa de voltar para casa. E certamente, muitos de nós já tomamos decisão semelhante, depois de termos lido essa alegoria. Sem dúvida, depois de nos havermos distanciado de Deus, nada mais apropriado do que sentirmos quão irrazoáveis estamos sendo, e procurar a reabilitação espiritual. A parábola, portanto, ofereceu-nos um antecedente da maior importância, seja no aspecto da resolução que deve ser tomada, seja também no que tange à confiança que devemos ter em ser aceitos.

Mas Jesus nos alerta para um fato muito comum à decisão de nos reconciliarmos com Deus. Mostra, por meio dessa parábola, como é natural ao ser humano dizer a Deus como gostaria de ser salvo.

---

A parábola do filho pródigo mostra como é natural ao ser humano querer dizer a Deus como gostaria de ser salvo. Será que não confiamos na capacidade de Deus para salvar-nos sem a nossa interferência? Precisamos ir a Ele sem reservas.

---

Corremos o risco de ir a Deus cheios de boas intenções, mas, ainda assim, apresentar-Lhe fórmulas para o nosso futuro relacionamento com Ele. Talvez por falta de confiança em que Ele possua todos os recursos para nos salvar, acrescentamos algum ponto a nossas palavras de entrega a Seus cuidados. Voltamos-nos para Ele, mas com reservas.

Ciente ou não do que estava fazendo, o filho pródigo anexou ao seu discurso de arrependimento uma frase que, uma vez aceita, haveria de conferir-lhe mérito em sua própria salvação. Jesus, porém, ao indicar que o discurso deixou de ser apresentado como foi previsto, mostrou que Deus é capaz de salvar-nos independentemente das opiniões ou recursos humanos.

Para ser completa, a obra do Espírito Santo precisa envolver filiação, “pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rom. 8:14). O filho pródigo “estava morto” (Luc. 15:24), quando se achava longe do pai. Pela influência do Espírito Santo, foi vivificado (Rom. 8:11). Não podia agora permanecer na condição de “trabalhador”, mas de filho. E esta deve ser a condição de todo aquele que deseja reconciliar-se com Deus.

Caso desejemos que Deus nos salve, nossa dependência dEle deve ser total. Quando Paulo fala de filiação, está sugerindo essa espécie de dependência. Deus dispensa nossos esforços. Ele está aparelhado para salvar-nos.

# Liderança X Mando

---

FLOYD BRESEE

Responsável pela seção "De Pastor Para Pastor", da revista *Ministry*

---

**"O modelo de Jesus indica que, enquanto os governos do mundo estão *sobre* aqueles que eles dirigem, os líderes cristãos devem estar *entre* aqueles que eles lideram."**

**O**s pastores podem ser muitas coisas, mas há uma coisa que eles devem ser: líderes espirituais.

A pesquisa indica que as igrejas que crescem, em geral possuem uma forte liderança pastoral. Isso não quer dizer liderança dominadora ou manipuladora. Não devemos confundir liderança com domínio.

O modelo de Jesus indica que, enquanto os governantes do mundo estão *acima* daqueles que eles lideram, os dirigentes cristãos devem estar *entre* aqueles aos quais lideram. "Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores *exercem autoridade* sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo; tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos" (Mat. 20:25-28, grifo suprido).

---

## Líderes e servos

---

**A** liderança cristã é liderança servidora. Os Evangelhos falam de liderança servidora pelo menos sete vezes. Quando tentados a usarem sua função de liderança para exercer domínio sobre seu povo, os ministros precisam lembrar-se de quão contrário é isto aos ensinamentos de Cristo.

Prestatividade, naturalmente, não é ser-

vidão. A servidão é humilhante, por se tratar de uma condição forçada a você por outra pessoa, que o priva da liberdade de escolha. A prestatividade, por outro lado, é ato voluntário. É a escolha de colocar-se a serviço de outros.

---

## Estilo de personalidade e liderança

---

**P**ersonalidade e liderança estão relacionadas que raramente adotamos um estilo de liderança diferente de nossa personalidade. Na medida de nossa capacidade, contudo, precisamos adaptar nosso estilo de liderança à igreja ou igrejas que dirigimos. Quando sua liderança presente parece muito menos eficaz do que sua liderança numa congregação anterior, você precisa perguntar-se se isto é porque sua igreja atual exige um estilo de liderança diferente. A liderança que serve, requer flexibilidade para adaptar sua liderança à satisfação das necessidades das diversas congregações.

Difícilmente poderíamos imaginar um líder mais forte do que Paulo. Ele apresentou este princípio da liderança que serve: "Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; ... Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele" (I Cor. 9:19-23). A liderança do servo exige adaptação e flexibilidade.

Uma comissão de igreja composta de profissionais cultos, usados para examinar grandes assuntos e tomar decisões





importantes, pode não permitir ao pastor um papel dominante em tomar decisões. Uma, composta de pessoas acostumadas a trabalhar em favor dos outros e a obedecer a ordens, pode aceitar um estilo diferente de liderança pastoral.

Costumamos dizer que há quatro tipos de estilo de liderança: O que ordena, o que persuade, o que consulta e o que participa. O estilo que ordena e o que persuade podem trabalhar muito bem com o segundo grupo acima. O estilo que consulta e o que participa é preferível, e trabalhará bem com ambos os grupos.

### Princípios de administração

**H**á quatro princípios de administração bem relacionados com a liderança pastoral:

1. *Visualizar*. Ao chegar a uma nova igreja ou distrito, você precisa fazer uma porção de perguntas. Onde esteve a igreja? Onde está ela agora em termos de missão, programas, facilidades e finanças? Aonde quer a igreja chegar daqui a um ano? Daqui a cinco anos? Verifique o que é e o que devia ser.

2. *Organizar*. Como pode a igreja pas-

sar de onde está para onde quer estar? Que programas são necessários? Que pessoal existe disponível? Pouco vale fazer planos, a menos que a igreja disponha do pessoal com capacidade e interesse para levá-los avante. Como podem esses programas ser mais eficazmente organizados?

3. *Delegar*. Uma das razões por que os pastores não delegam mais responsabilidades é que isto exige que eles deleguem também autoridade. Eles são relutantes em fazer isto. A liderança que serve não se sente ameaçada com respeito à distribuição de autoridade.

4. *Supervisar*. Dê assistência nos momentos difíceis. Se alguém estiver fraquejando, procure uma forma de ajudá-lo a ser bem-sucedido. Recompense a realização. "Tenhamos uma afeição verdadeiramente calorosa uns pelos outros, como se entre irmãos, e uma disposição para permitir que a outra pessoa receba o crédito" (Rom. 12:10, Phillips).

Em resumo, a liderança deve basear-se no conceito cristão de prestatividade. A administração mecânica é importante, mas o estilo de liderança não chega nem perto do espírito de liderança. A *atitude* com que você lidera é muito mais importante do que a *maneira* mecânica com que você o faz.

# “Oh! Não, Uma Mulher Não!”

DRA. ELIZABETH OSTRING

*Médica no hospital adventista em Hong Kong*

**Nosso gênero é um dom do amor de Deus e não precisamos ser um obstáculo ao nosso desempenho.**

O professor de anatomia era um homem enorme e de boa aparência. Tinha o cabelo grisalho e olhos azuis que pareciam penetrar no fundo da alma; mais do que qualquer bisturi de cirurgião. Eu estava um pouco trêmula. Não por causa da baixa temperatura provocada pelo vento frio da Nova Zelândia, nem pelo fato de estar ali com meu pai para pedir dispensa das aulas no sábado ao homem que durante anos se havia oposto a isso. Mas por causa do homem em si mesmo.

Ele ouviu polidamente enquanto meu pai pedia que um moço e eu fôssemos dispensados das aulas no sábado. Garantiu que esse privilégio já estava assegurado, e que não teríamos nenhum problema. Sorriu cordialmente, e disse, enquanto dava um tapinha nas costas do rapaz: “Seja bem-vindo, colega!” Meu pai se apressou em corrigir a situação. “Professor, minha filha também foi aceita na escola”, disse ele orgulhosamente.

O professor parou, e seu sorriso desapareceu. Levou então a mão à testa num gesto de nervosismo, e quase vociferou: “Oh! não. Uma mulher não!”

Eu enrubesci, o moço sorriu e meu pai parecia chocado. De alguma forma, fomos levados para fora da sala, sem mais nenhuma assistência do professor.

Isso aconteceu 27 anos atrás. A explosão do professor abateu o orgulho de meu coração de 18 anos de idade. Mas quando o tempo se incumbiu de desfazer a minha frustração, passei a agradecer àquele cavalheiro (no meu íntimo, é claro; jamais eu

teria encontrado coragem para chegar à sua presença!) por ensinar-me uma lição muito valiosa: a de que antes de me tornar uma médica, uma datilógrafa, uma professora ou qualquer coisa, eu *já era* uma mulher.

No começo, Deus criou a raça humana à Sua imagem; homem e mulher os criou (ver Gên. 1:27). O gênero é uma daquelas coisas raras e belas que nos vieram diretamente do Éden. Deus poderia ter-nos criado como minhocas, hermafroditas, auto-suficientes, e monotonamente iguais. Mas não o fez. Preferiu fazer-nos interdependentes e emocionalmente desiguais (ou, se preferir, diferentes).

Talvez a chave para a razão dessa diferença se encontre na declaração de que Deus criou o homem à Sua própria imagem. Nosso Deus é uma Trindade, cuja uniformidade de propósito é expressa numa diversidade de funções. Assim, a breve mas dramática função terrestre de Jesus o Filho não é nem inferior nem superior ao mais terno convite e função habilitadora do Deus Espírito Santo. Mas certamente Eles não são o mesmo, nem são intercambiáveis. Assim, ao criar a humanidade Deus partilhou conosco não só a Sua imagem, nem o Seu poder de raciocinar, nem Sua liberdade, mas também a Sua pluralidade. Parece, então, que nosso gênero é algo que devemos prezar grandemente, por ser a imagem de algo misteriosamente divino.

## O gênero — uma dádiva do amor

O gênero ou sexo é um dom do amor de Deus, e é importante que entendamos como Deus entende que essa dádiva deve ser usada e desenvolvida.



Muitas vezes dizemos que o casamento e o sábado são as únicas “instituições” que nos vieram do Éden, e isso é verdade. Contudo, muitas vezes parece que embora reconhecamos a origem divina do casamento como um cumprimento perfeito do plano de Deus para nós, deixamos de admitir que o casamento se baseia no dom antecipado do sexo, e que é possível cumprir o propósito divino sem ser casado. Jesus nunca Se casou, embora fosse homem perfeito, o que me sugere que é possível desenvolver a masculinidade e a feminilidade da maneira em que Deus a entendia, sem ser necessariamente casado. O que eu gostaria de saber é se há uma teologia verdadeira da diferença do gênero.

Muitas mulheres cristãs — eu entre elas — podem testificar que, por terem aceito

---

---

**Ao contrário  
de experimentar uma  
diminuição  
no grau de sua  
felicidade,  
as mulheres cristãs são  
mais felizes quando  
aceitam a liderança do  
seu marido no  
casamento.**

---

---

de todo o coração a liderança de seu esposo no casamento, sua felicidade e a de seus familiares aumentou. Essa aceitação não é fácil, e a maioria das esposas sucumbem por completo, muitas vezes, à tentação de tomar-lhes as rédeas, com resultados dolorosos. Deveria alguém concluir disso que as mulheres são simplesmente menos capazes do que os homens, ou que os homens são incorrigíveis chauvinistas? Ou há aqui envolvida uma profunda verdade espiritual que pode ser aplicada a todas as mulheres, casadas ou não?

O fato de que Deus criou a Eva de uma costela de Adão, sugere que ela era sua igual em valor, mas não era sua igual em função. Sabemos que ela foi criada especialmente para ser uma “ajudadora” para Adão (Gên. 2:18), mas de que maneira

ela o ajudou? Infelizmente, não temos nenhuma pista do verdadeiro papel edênico. Desde que o pecado entrou no mundo, Eva foi relacionada principalmente com a função de dar à luz e cuidar dos filhos; enquanto Adão recebeu o trabalho mais agressivo de lidar com o ambiente para sustentar sua família.

Assim sendo, é o cuidar de criança o único trabalho indicado para a função feminina, ou é talvez a expressão mais clara dessa função, um supremo exemplo? O que Paulo quer dizer em I Tim. 2:15, quando declara que a mulher “salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, na caridade e na santificação”? (Almeida antiga). Está ele sugerindo que as mulheres devem dar à luz filhos para serem salvas? Pensar dessa maneira é entrar em desacordo com as firmes e freqüentes declarações do apóstolo de que a salvação é somente pela fé em Jesus Cristo. Ao invés disso, está ele indicando que o cuidado de criança é uma expressão superior da feminilidade para as outras duas maneiras mencionadas na passagem contextual de I Tim. 2:9-15.

A primeira dessas outras maneiras está no adorno exterior. Obviamente, a indústria de cosméticos era tão ativa nos dias de Paulo quanto o é agora, e ele admoesta a que “as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleiras frisadas e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso” (verso 9). Encontramos admoestação semelhante em I Pedro 3:3. Apresentar-se de maneira atrativa é impulso feminino natural. Muitas das mulheres famosas da Bíblia eram bonitas. Mesmo sendo uma senhora já avançada em idade, Sara era atrativa o suficiente para causar problema para o seu esposo. Ester ganhou um concurso de beleza, e Rebeca e Raquel eram ambas agradáveis à vista. O privilégio da beleza física é, portanto, apropriado para uma senhora cristã, mas não é a finalidade principal de seu gênero.

A segunda expressão feminina com a qual Paulo se relaciona, encontra-se nos versos 11 e 12. “A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio.” Estas palavras produzem aceleração nas batidas cardíacas e fazem subir a pressão sanguínea até das

mulheres mais meigas. Há alguns grupos cristãos sinceros que tomam esta passagem de maneira muito literal. Mas qual é o quadro bíblico completo? Consideremos a profetisa Ana. Em Lucas 2:38, lemos: “E chegando naquela hora, dava graças a Deus, e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém”. O verso anterior indica que ela não se afastava do Templo. Obviamente, então, ela pronunciou suas palavras ali, e estas parecem ser esclarecedoras.

O que Paulo queria dizer, então, ao afirmar que as mulheres deveriam ficar em silêncio? O apóstolo se explica depois, ao tratar sobre Adão e Eva. O pecado de Eva não a condenava ao silêncio, mas naquela ocasião ficou claro que ela devia reconhecer a autoridade de Adão. Assim, o verdadeiro sentido da mensagem de Paulo parece ser, não que as mulheres fiquem mudas, mas que reconheçam a autoridade dos homens, ordenada por Deus. Que autoridade tem o homem sobre uma mulher? A mesma espécie de autoridade que Jesus teve sobre a igreja: uma autoridade primorosa, solícita, abnegada e orientadora (ver Efés. 5:22-28).

### Ter filhos e cuidar deles

**A**lgumas mulheres, porém, podem ficar pensando que Paulo menciona o dar à luz filhos e cuidar deles como a suprema expressão da função feminina.

A Encarnação pode fornecer-nos algum esclarecimento. Ao vir a plenitude do tempo e Deus enviar o Seu Filho, Ele poderia ter organizado a Sua chegada a este mundo, usando todo tipo de métodos espetaculares. Um método (que Ele já havia usado e que tornaria clara a subordinada e inferior função das mulheres de maneira cabal) teria sido escolher um homem, anestesiá-lo e tirar uma costela, e depois colocar em torno dela um corpo perfeito para o Filho de Deus. Mas não, Deus preferiu realizar o milagre no corpo de uma jovem, mostrando que Ele ainda honrava a função feminina especial dela. Ao mesmo tempo, Deus honrou o papel masculino ao prover um esposo para Maria, do qual ela não necessitava no sentido biológico, mas a cujo cuidado foi confiada, e a quem

foi dado autoridade para tomar decisões por ela; por exemplo, na ocasião da ida para o Egito. Foi a José, não a Maria, que Deus enviou um anjo com a mensagem para partirem.

Assim, qual foi a obra de Maria? Deus lhe confiou o desenvolvimento de Seu Filho, agora na forma humana. Em sentido especial, ela tornou possível que Jesus fizesse a Sua obra; possibilitou a Deus declarar-Se ao mundo.

De novo, consideremos outras grandes mulheres da Bíblia e vejamos na vida delas esse trabalho especial de habilitação, este ministério que lhes permite desenvolver o seu potencial concedido por Deus. Consideremos o caso de Miriam. Por seu cuidado e prudência, ela salvou a vida do líder escolhido de Deus. Mais tarde a encontramos cantando às margens do Mar Vermelho um hino de vitória que capacitou os israelitas a compreenderem mais plenamente tudo o que Deus havia feito por eles. Não obstante, insatisfeita com o seu papel, aspirou à liderança, mas Deus mostrou de maneira bondosa que aquilo era errado.

Débora foi tanto profetisa como juíza. Viveu em tempos muito difíceis, quando Israel estava sob a opressão cananita. Deus capacitou-a a julgar Israel e fez Seu povo entender o certo pela via errada. Quando a guerra estourou, ela entregou a liderança a Baraque. Contudo, a seu pedido, ela continuou seu papel encorajador ao ir com ele para o campo de batalha. Ela poderia ter exercido a liderança sozinha; ao invés disso, operou junto com um homem.

A coragem de Raabe e seu raciocínio rápido, permitiram que os espias retornassem a salvo e assegurassem também a preservação de sua família. O amor e o devotamento de Rute capacitaram Noemi e as mulheres de Belém a preservarem a linhagem de Judá, da qual nasceu Jesus. A coragem de Jeoseba resgatou o menino-rei Joás, enquanto a de Ester salvou toda uma nação.

Provérbios 31 faz uma grande descrição da mulher ideal — enérgica, dinâmica, atenta e responsável tanto na comunidade como na família. Ela capacita sua família a ser bem cuidada, seu marido a ser um líder entre os anciãos, seus servos a trabalharem bem e seus filhos a amarem. E ela “fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua”



---

## A história de muitas mulheres da Bíblia indica a alta conta em que Deus as tem.

---

(verso 26). Não foi Ellen White essa espécie de mulher — tornando possível o desenvolvimento de um povo especial que se prepara para a segunda vinda de Cristo? Sua função talvez jamais tenha sido administrativa, mas foi decisiva e relevante.

---

### O ministério habilitador

---

**E**ste ministério da habilitação não quer dizer que seja de valor inferior ou menos digno. De novo, faço menção à operação da Divindade. O Espírito Santo é um consolador e conselheiro. Ele glorifica a Jesus. Convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Possibilita-nos a viver vidas vitoriosas e produtivas. Diminui esse ministério capacitador do Espírito Santo, em algum sentido, a igualdade e dignidade da pessoa do Espírito Santo na Trindade?

Quando as mulheres aceitam seu ministério habilitador, trazem para o seu trabalho nova dignidade e encorajamento. Sabem que estão cumprindo o plano de Deus para elas em capacitarem seus maridos e filhos a desenvolverem plenamente suas potencialidades. Quão melhor seria o mundo, gastassem elas tempo ouvindo seus filhos e com eles falando de guia e encorajamento?

Contudo, o casamento e a família não são pré-requisitos essenciais para o pleno desenvolvimento feminino. Na verdade, se pudéssemos ver a importância plena do papel habilitador das mulheres, muito argumento e rancor desapareceria na discussão do que elas deveriam ou não fazer precisamente. Iluminada e fortalecida pelo Espírito Santo, uma professora verá a si mesma como desenvolvendo o potencial de seus alunos. Uma diretora de enfermagem não se considerará uma chefe do corpo de enfermeiras, mas uma preparadora das enfermeiras de plantão para que atuem com eficiência no cuidado do paciente.

E quanto à ordenação? Uma mulher não precisa fazer gestões para ser ordena-

da ao ministério, pelo fato de sentir-se capacitada a expor as Escrituras como qualquer homem. Nem a ordenação por si só é indispensável ao desempenho feminino. Não obstante, pode haver circunstâncias especiais em que trêmula e relutantemente, como Moisés, Isaías ou Jeremias, uma mulher reconheça a necessidade de ordenação formal. Tais circunstâncias estariam em lugares como a China, onde poucos homens podem dedicar-se ao ministério evangélico. Ou talvez uma mulher chamada para ministrar nas prisões possa ser solicitada pelas autoridades governamentais a ter credenciais completas de ministro. A ordenação para ela representa apenas que as outras pessoas lhe reconhecem a habilitação de ministra nas prisões.

Dois mulheres me têm inspirado grandemente. Ambas solteiras e tanto uma quanto a outra da Índia: Ida Scudder, do Colégio Médico Cristão, Vellore; e Madre Teresa de Calcutá. A Dra. Scudder se tornou médica profissional para atender às mulheres do sul da Índia; barreiras culturais não permitiam que um médico as atendesse. Ela não só ajudou suas pacientes imediatas, mas sua visão de uma escola de medicina capacitou milhares de moços e moças a se dedicarem ao ministério da cura. Ela era uma pessoa verdadeiramente feminina.

Madre Teresa, originalmente uma freira-professora da Iugoslávia, ouviu o chamado de Deus para trabalhar com as pessoas necessitadas de Calcutá. Note o seu ponto de vista a respeito do desempenho: "Se você se tornar realmente parte da obra que lhe foi confiada, deve então fazê-la de todo o coração. E você pode levar a salvação apenas pelo fato de ser honesta e trabalhar realmente com Deus. Não é tanto o que se faz, mas quanto amor, quanta honestidade, quanta fé se emprega ao executá-la. Não importa o que se faz. O que você está fazendo, eu não sou capaz de fazer, e o que eu estou fazendo, você não pode fazer. Todos nós, porém, estamos fazendo o que Deus nos confiou. Apenas nos esquecemos muitas vezes, e passamos mais tempo olhando para os outros e querendo fazer algo mais do que eles. Gastamos o nosso tempo pensando no amanhã, e permitimos que o dia de hoje passe e o amanhã se perca."<sup>1</sup>

---

1. Desmond Doig, *Mother Teresa, Her Work and Her People* (Glasgow: Collins, 1980), pág. 108.

# A Senhora White e o Ministério de Pedro

Uma entrevista simulada de “O Ministério” com a Sra. White, sobre os últimos anos do ministério do apóstolo Pedro, baseada no livro Atos dos Apóstolos.

**P**ergunta: Poderia falar alguma coisa sobre o apóstolo Pedro, relacionada com o seu ministério, após os acontecimentos do Pentecostes?

*Resposta:* “Pouca menção se faz no livro de Atos quanto ao último trabalho do apóstolo Pedro. Durante os ativos anos de ministério que se seguiram ao derramamento do Espírito no dia do Pentecostes, ele se encontrava entre os que incansavelmente se empenhavam para entrar em contato com os judeus que vinham a Jerusalém para adorar por ocasião das festividades anuais.

“Aumentando o número de crentes em Jerusalém e outros lugares visitados pelos mensageiros da cruz, os talentos do apóstolo Pedro se provaram de inestimável valor para a primitiva igreja cristã. A influência de seu testemunho referente a Jesus de Nazaré se estendia amplamente. Sobre ele havia sido posta dupla responsabilidade. Dava ele perante os incrédulos positivo testemunho com respeito ao Messias, trabalhando fervorosamente para a conversão deles, fazendo ao mesmo tempo trabalho especial pelos crentes, fortalecendo-os na fé em Cristo.

*Pergunta:* Qual o seu ponto de vista a respeito da única condição que Jesus impôs a Pedro, para que ele apascentasse as Suas ovelhas?

*Resposta:* “Conhecimento, benevolência, eloquência, zelo — tudo isto é essencial para um bom trabalho; mas sem o amor de Cristo no coração, a obra do ministro cristão é um fracasso.

“O amor de Cristo não é um sentimento volúvel, mas um princípio vivo, o qual se manifesta como um poder permanente no coração. Se o caráter e a conduta do pastor são um exemplo da verdade que advoga, o Senhor porá em sua obra o selo de Sua aprovação. O pastor e o rebanho serão um, unidos pela comum esperança em Cristo.

*Pergunta:* As cartas de Pedro às igrejas da Galácia são muito lidas e estimadas pela Igreja ainda hoje. Poderia falar alguma coisa sobre esses escritos?

*Resposta:* “Nos últimos anos de seu ministério, Pedro foi inspirado a escrever aos crentes ‘dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia’. Suas epístolas foram o meio de reavivar o ânimo e fortalecer a fé daqueles que estavam sofrendo provas e aflições, e de renovar as boas obras dos que, assediados por tentações de toda ordem, estavam em perigo de perder o seu apego a Deus. Essas cartas levam a impressão de terem sido escritas por alguém em quem os sofrimentos de Cristo, bem como Sua consolação, tinham sido abundantes; alguém cujo ser todo tinha sido transformado pela graça, e cuja esperança de vida eterna era certa e firme. ...

“As palavras do apóstolo foram escritas com o objetivo de instruir os crentes de todas as épocas, e têm significado especial para os que vivem no tempo em que ‘já está próximo o fim de todas as coisas’. Suas exortações e advertências, bem como suas palavras de fé e ânimo, são de necessidade para todas as almas que desejem conservar sua fé ‘firmemente’ ‘até o fim’. Heb. 3:14.

*Pergunta:* Por que teria Pedro realçado a posição de “raça eleita, sacerdócio real e nação santa” dos destinatários de sua carta?



---

---

Os cristãos que receberam as cartas do apóstolo Pedro viviam entre pagãos, ou pessoas que adoravam ídolos e serviam a divindades mitológicas. Essa seria a razão para que Pedro lhes falasse sobre “raça eleita, sacerdócio real e nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus”.

---

---

*Resposta:* “Muitos dos crentes a quem Pedro dirigiu suas cartas estavam vivendo no meio do paganismo, e muito dependia de permanecerem eles fiéis à alta vocação de sua profissão. O apóstolo insistia em seus privilégios como seguidores de Cristo Jesus. ‘Vós sois a geração eleita’, escreveu, ‘o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido para que anunciéis as virtudes dAquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz’.

*Pergunta:* Pedro dá muito realce à questão das provas. Fale um pouco a esse respeito.

*Resposta:* “As provas são parte da educação recebida na escola de Cristo, para purificar os filhos de Deus da escória do que é terreno. É porque Deus está guiando Seus filhos que lhes sobrevêm experiências probantes. Provas e obstáculos são Seus métodos escolhidos de disciplina, e as condições por Ele indicadas para o êxito. Aquele que lê os corações humanos conhece-lhes as fraquezas melhor do que eles mesmos as poderiam conhecer. Ele vê que alguns têm qualificações que, se apropriadamente dirigidas, poderiam ser usadas no avançamento de Sua obra. Em Sua providência Ele leva essas almas a diferentes posições e

variadas circunstâncias, para que possam descobrir os defeitos que estão ocultos ao seu próprio conhecimento. Dá-lhes oportunidades de vencer esses defeitos, habilitando-se para o serviço. Não raro permite que o fogo da aflição os abraze, a fim de serem purificados.

*Pergunta:* O apóstolo Pedro sempre considerou as provas indispensáveis ao fortalecimento espiritual dos crentes?

*Resposta:* “Houve tempo na experiência de Pedro em que ele não se dispunha a ver a cruz na obra de Cristo. Quando o Salvador deu a conhecer aos discípulos os sofrimentos e morte que O esperavam, Pedro exclamou: ‘Senhor, tem compaixão de Ti; de modo nenhum Te acontecerá isso.’ S. Mat. 16:22. A compaixão própria, que se esquivava de seguir a Cristo no sofrimento, preparou as razões de Pedro. Foi para o discípulo uma amarga lição, que ele não aprendeu senão vagarosamente, a de que a senda de Cristo na Terra é feita de sofrimento e humilhação. Porém na fornalha de fogo ardente devia ele aprender essa lição. Agora, quando seu corpo outrora ativo estava curvado ao peso dos anos e trabalhos, pôde ele escrever: ‘Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo; para que também na revelação da Sua glória vos regozijeis e alegreis.’

*Pergunta:* Que comentário faz a senhora a respeito da maneira como deveriam agir aqueles que têm a responsabilidade de cuidar das igrejas e que são chamados de subpastores?

*Resposta:* “Dirigindo-se aos anciãos da igreja, no tocante a suas responsabilidades como subpastores do rebanho de Cristo, o apóstolo escreve: ‘Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória.’

*Pergunta:* O que se deve entender por cuidar do rebanho, que o dirigente deveria revelar sobre “o rebanho de Deus” algum traço de prepotência?

*Resposta:* “Os que ocupam a posição

de subpastores devem exercer atento cuidado sobre o rebanho do Senhor. Isto não quer dizer vigilância ditatorial, mas que propenda a encorajar, fortalecer e alevantar. Ministar significa mais que pregar sermões; significa trabalho zeloso e pessoal. A igreja na Terra é composta de homens e mulheres falíveis, que necessitam de esforços laboriosos e pacientes para que sejam disciplinados e educados para trabalhar de forma aceitável nesta vida, e serem na futura coroados de glória e imortalidade. Necessita-se de pastores — pastores fiéis — que não lisonjeiem o povo de Deus, nem o tratem com dureza, mas alimentem-no com o pão da vida — homens que sintam diariamente na vida o poder convertedor do Espírito Santo, e que cultivem amor forte e altruísta por aqueles por quem trabalham.

**Pergunta:** Que espírito deve revelar o verdadeiro pastor?

**Resposta:** “O espírito do verdadeiro pastor é de inteiro esquecimento de si mesmo. Ele perde de vista o eu para que possa fazer as obras de Deus. Pela pregação da Palavra e pelo ministério pessoal nos lares do povo, toma conhecimento de suas

necessidades, tristeza e provas; e, cooperando com Aquele que leva o maior fardo, participa das aflições deles, conforta-os em seus dissabores, farta-lhes a alma faminta e salva-lhes o coração para Deus. Nesta obra é o ministro assistido pelos anjos do Céu, sendo ele próprio instruído e iluminado na verdade que o torna sábio para a salvação.

**Pergunta:** Em sua segunda carta, o apóstolo Pedro apresenta uma lista de virtudes que o cristão deve procurar com diligência possuir. Poderia falar sobre essas virtudes?

**Resposta:** “Estas palavras são plenas de instrução e ferem a nota tônica da vitória. O apóstolo apresenta perante os crentes a escada do progresso cristão, cujos degraus representam cada qual um acréscimo no conhecimento de Deus e em cuja ascensão não deve haver parada. Fé, virtude, ciência, temperança, paciência, piedade, amor fraternal e caridade são os degraus da escada. Somos salvos pelo subir degrau a degrau, passo após passo, para o alto ideal de Cristo para nós. Assim, é Ele feito para nós sabedoria, e justiça, e santificação e redenção.”